

ANO V - Nº 8 - JUNHO 1994

# TERCEIRA IDADE



**OPINIÃO DE IDOSOS  
ACERCA DA VELHICE**

**PASSADO: MEMORÁVEL  
OU EXECRÁVEL?**

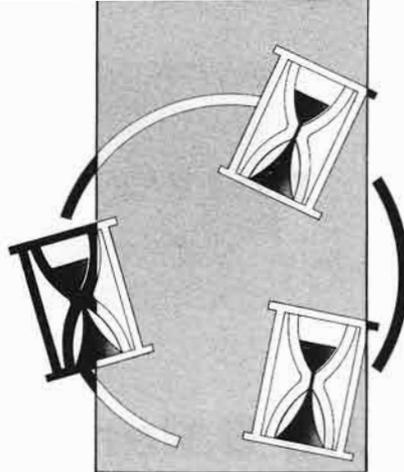
**A MULHER NA ATUALIDADE**

**O ESFORÇO INDIVIDUAL  
PARA ENVELHECER BEM**

**COMPORTAMENTOS SEXUAIS  
ALTERNATIVOS DO JOVEM E DO VELHO**



# TERCEIRA IDADE



ANO V - Nº 8  
JUNHO 1994



Publicação Técnica editada pelo SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC), Administração Regional no Estado de São Paulo, Av. Paulista, 119 - 9º andar CEP 01311-903 - Tel. 284-2111 - São Paulo. COMISSÃO EDITORIAL: Danilo Santos de Miranda (Diretor do Departamento Regional), Jesus Vazquez Pereira (Superintendente Técnico-Social), Marcelo Antonio Salgado (Gerente de Apoio Operacional e Estudos da Terceira Idade/ Coordenador), Osvaldo Gonçalves da Silva (Redator e Revisor), José Roberto Moreira. JORNALISTA RESPONSÁVEL: Célia Moreira dos Santos - RMT 10302. PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES: Eron Silva. PRODUÇÃO GRÁFICA: Cláudia Resende Costa Cirillo, Maria Cristina Miras Costa, Marilu Donadelli G. Silva, Maria Cristina Tobias Dias, Waldemar Bueno.

## SUMÁRIO

### O IDOSO NA LITERATURA

*Henrique L. Alves*

4

### A MULHER NA ATUALIDADE

*Dra. Maria Lúcia Carvalho da Silva*

15

### OPINIÃO DE IDOSOS ACERCA DA VELHICE

*Vera Regina Waldow*

25

### O ESFORÇO INDIVIDUAL PARA ENVELHECER BEM

*Raquel Vieira da Cunha*

39

### PASSADO: MEMORÁVEL OU EXECRÁVEL?

*Maria Cecília França Lourenço*

42

### COMPORTAMENTOS SEXUAIS ALTERNATIVOS DO JOVEM E DO VELHO

*Naumi Antonio de Vasconcelos*

46

### FACULDADE DA TERCEIRA IDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

*Eliana Ribeiro L. Rahal*

51

### BIBLIOGRAFIA COMENTADA

70

## EDITORIAL

# Um Balanço Positivo

Muito se tem repetido que a velhice, no Brasil, não constitui um problema grave, se analisarmos apenas os aspectos numéricos da questão. Realmente, para uma população total de aproximadamente 160 milhões de habitantes, 13 milhões ou pouco mais de pessoas acima de 60 anos não fariam muita diferença, se esta minoria não vivesse em condições tão precárias. A preocupação, portanto, vai além dos índices estatísticos e se detém nas implicações demográficas e sociais do fenômeno. Não se deve, contudo, menosprezar o significado das alterações da pirâmide populacional que, aliada à situação de penúria de grande parte de idosos, pode, a médio e longo prazo, gerar crises imprevisíveis nada desejáveis.

Há trinta anos atrás, a perspectiva de um possível agravamento deste estado de coisas levou o SESC a lançar uma proposta de trabalho com o objetivo de criar melhores oportunidades para esta parcela da população e, ao mesmo tempo, visando a alertar a comunidade brasileira para o perigo que representava o envelhecimento populacional que se

esboçava, na falta de uma política para o setor.

Após um trabalho longo e persistente, a avaliação da atuação da entidade junto ao idoso aposentado não poderia ser mais confortadora. A título de ilustração, queremos apenas citar que atualmente cerca de 40.000 idosos são atendidos diretamente pelo SESC nos diversos centros de atividades espalhados por todo o estado. Isto significa que um número bem maior teve condições de melhorar sua qualidade de vida nessas últimas três décadas.

A sociedade brasileira tem que ficar atenta, pois os idosos estão chegando, em número cada vez maior. A presença deles pode tornar-se incômoda se, a exemplo do que ocorre em relação a outras minorias, não se tomarem medidas claras, inequívocas e atualizadas para se afastar de vez o fantasma da marginalização que infere a terceira idade.

Nada mais justo, portanto, que deixar registrado nesta publicação este momento significativo para o SESC, pelo saldo positivo de um trabalho de alcance nacional.

# Trinta Anos de Trabalho Social com Idosos

**C**om grande satisfação constatamos que o ano de 1993 foi bastante movimentado em termos de programação para a terceira idade. Tínhamos motivos de sobra para isto, pois comemorávamos os trinta anos de trabalho social com idosos no SESC de São Paulo.

É sempre bom lembrar que a origem do SESC se prendeu a contingências históricas e sua criação foi uma tentativa de resposta ao desafio de uma nova ordem sócio-econômica e política emergente.

Como fator de equilíbrio social, a entidade passou por sucessivas transformações, procurando adaptar-se às necessidades de sua clientela, descobrindo espaços e momentos certos para assumir compromissos muitas vezes de caráter inovador e não raro oportunos.

O trabalho social com idosos constitui um desses momentos de criatividade que têm identificado a instituição, ao longo de sua história. Esta iniciativa foi motivada pelas profundas mudanças no comportamento social e principalmente nas relações familiares que já não ofereciam ao idoso uma estrutura de apoio e proteção necessária à sua sobrevivência. Impunha-se a urgência de um atendimento alternativo, dife-

renciado das formas tradicionais, em face da marginalização social de um número cada vez maior de aposentados.

Além de trazer benefícios concretos à população idosa, a proposta do SESC contribuiu ainda para despertar a sociedade para a necessidade de uma política social em favor deste segmento etário, através de medidas efetivas que pudessem preservar a qualidade de vida dessas pessoas.

Assim, o esforço consciente do Departamento Regional do SESC de São Paulo foi decisivo para o início de uma luta contra os preconceitos e tabus que ainda constituem o estigma da idade avançada em nossa sociedade. Os resultados alcançados nesses trinta anos nos permitem afirmar, com segurança, que valeu a pena investir neste projeto.

E se 1993 representou um marco histórico para o SESC de São Paulo, pela sua dedicação à causa do idoso, certamente constituirá também um novo ponto de partida para novas pesquisas e estudos, ante os possíveis desdobramentos desta questão social.

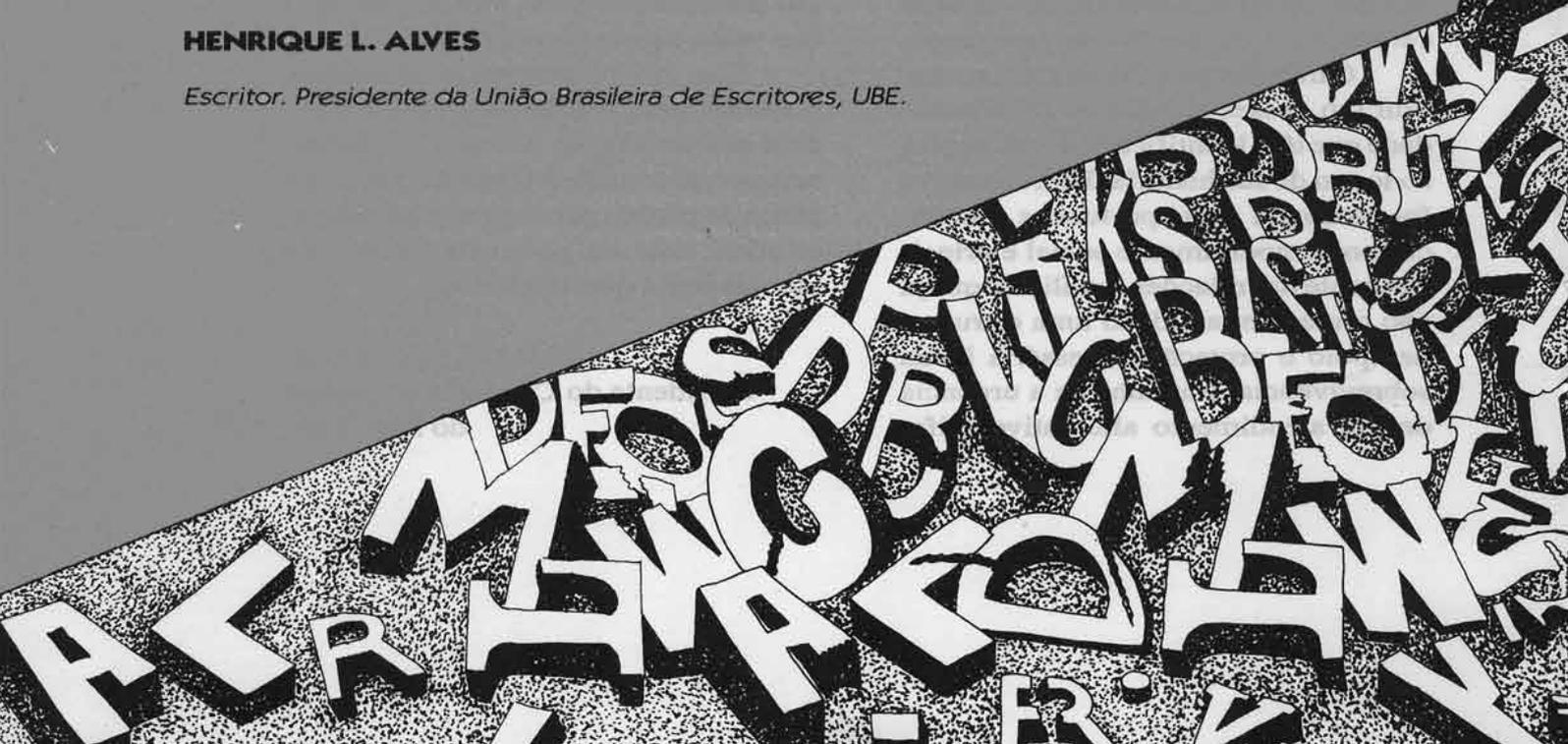
**ABRAM SZAJMAN**  
Presidente do Conselho Regional  
do SESC/SP

# O Idoso na Literatura

Vivemos os passos  
que se distanciam no tempo  
e com olhar de muitos regressos,  
removemos as palavras  
que podem ser simples  
ou confusas na busca da velhice

**HENRIQUE L. ALVES**

*Escritor. Presidente da União Brasileira de Escritores, UBE.*





Um tema que oscila entre idoso e velhice, ambos conflitando o limite do velho, onde desponta o poder da idade. Discute-se constantemente o começo da idade limite da maturidade e a do idoso, do velho. Vive-se um período de agonias, com certezas da impossibilidade de reverter o tempo. Será angustiante atingir o poder idoso? Teilhard de Chardin expressa indagações na ilusão ou no sonho, quando afirma:

*“Por que será que esta noite sinto angústia por todos aqueles que amo e que perdi, ou envelhecem, ou estão longe? Senhor! Eu vo-los confio e entrego. E em vós, aproximai-nos e vivicai-nos a todos...”*

Vivemos os passos que se distanciam no tempo e com olhar de muitos regressos, removemos palavras que podem ser simples ou confusas na busca da velhice. Para o poeta Guilherme de Almeida, quando usa haikai para delimitar uma postura:

*“Uma folha morta,  
Um galho, no céu grisalho.  
Fecho a minha porta”*.

Prefiro enfocar o tema em duplo sentido, onde o idoso na literatura incorpora também o idoso e a literatura, duplo sentido ao dar profunda reflexão. O poeta e o escritor, o filósofo e o intelectual têm sempre suas preocupações em torno do idoso, como diria Cecília Meireles a pensar na blusa e na velinha. Numa crônica divaga, onde cada palavra tem precisão na observação do cotidiano:

*“Pois eu agora olhava para estes jardins úmidos de chuva, detinha-me a descobrir em que árvore cantava o pássaro, e do obscuro salão de espera levantou-se da sua cadeira invisível a velhinha de Florença. A tarde em redor de mim entristeceu, e, por mais que eu deseje ser meiga e solícita, todas as desculpas que lhe dirijo permanecem longe, imóveis, nulas, como esta nuvem escura que paira no céu turvo, sem vento que a desmanche nem chuva que a dissolva.*

*A velhinha de Florença não me diz nada: sou eu que tento dizer-lhe palavras mal ajustadas, sou eu que procuro, depois de tantos anos, a expressão adequada com que possa merecer a sua benevolência. Ela parece escutar-me com muita compreensão; eu é que não me sinto contente comigo mesma, apesar da minha sinceridade e do meu desgosto.*

*Ninguém cuide tratar-se de uma história policial, ou de lances dramáticos, emocionantes e pungentes. A história é mesmo tão simples que não sei como há tanto tempo continua a ocupar lugar tão importante na minha vida. Mas é assim.”*

Cada um vive a sua história do cotidiano. Sente nas coisas simplicidade e o poder emocional. É fator importante a ficar como flagrantes refletindo emoções. A poetisa determina que esse pequeno episódio é um ponto incansável no meu coração (cada um sabe de que são feitos os sofrimentos).

Sufrimentos ou não, o certo é que as coisas importantes estão mergulhadas nas coisas simples do que captamos do nosso dia-a-dia. Aqui, como escritor, busco a essência para formar a visão telúrica, carregada de ternuras e o tema dos idosos simboliza uma constante preocupação. Não algo invisível e nem algo banal no enfoque de quem guarda muitos sentimentos antigos, pela própria vivência.

Na abordagem do tema não transmitir erudição - dizer algo de tudo; não especialização - dizer tudo de algo; formalismo - dizer tudo de tudo. Assim, Eni Puccinelli Orlandi, em seu livro **“As formas do silêncio”**, onde aprendemos que instantes de silêncio são importantes e compreensíveis em muitos casos: o silêncio não fala, ele significa.

No fugaz momento de compor o roteiro de conferência, de um artigo, de uma obra, *“pensar o silêncio é pensar a solidão do sujeito em face dos sentidos, ou melhor, é pensar a história solitária do sujeito em face dos sentidos. É por aí que se pode fazer intervir as “fissuras” que nos mostram efeitos de silêncio.”*

No silêncio e na solidão está a postura do escritor, notadamente quando começa a viver o ciclo do idoso. Octávio Paz, em sua constante preocupação pelo tempo que vive, na abertura de encontro de escritores ibero-americanos, sentencia a missão do escritor: *"a literatura é uma atividade solitária para os solitários"*.

Na peregrinação entre silêncio e solidão, recordo tempo vivido, como diria o poeta Mário Quintana, envolvido pelo vento da desesperança a soprar esperanças em lembranças de histórias que sempre têm princípios. No rumor de livro ainda não lido ou da página lida, ou do trecho esquecido, tudo se transforma no vago silêncio feito de agonias. Agonias de poder captar no instante a preciosidade do encanto que venha a sensibilizar o idoso. Não falar de mortes e nem de desânimos. Fluir muita luz na esperança de instante se tornar um imprevisto. Recordo o poeta Mário Quintana na sua juventude de oitenta e cinco anos:

*"Estrada a fora após segui... Mas, ai embora idade e senso em aparente Não vos iluda o velho que aqui vai:*

*Eu quero que meus brinquedos novamente!*

*Sou um pobre menino... acreditai Que envelheceu, um dia, de repente".*

O de repente acontece na vida de cada alvo humano. Entre insônias ou sonhos prevalece a efígie projetada no espelho da vida do "que devíamos ter sido/ antes do tempo implacável/ em que fomos nascidos". Henriqueta Lisboa tem em sua poesia estágios demarcando facetas do reino acareado e perdido, cuja inscrição merece muita reflexão:

*"O término de todas as cousas - advertência gravada a golpes de letra em pedra - encarna o princípio de tempo para simples retardatários: amplexo entre remoto e o novo".*



A cada dia tenho olhos acesos para o desconhecido. Vibro com a perspectiva do novo e, a cada descoberta, retorno ao aprendizado. Agora, a experimentação de uma aula inaugural, não resisto em afirmar que a esperança de aprender convosco dará alentos para maior amplitude dos meus conhecimentos. *"Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gene do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice"*.

A cada instante vem o aprendizado e Luiz Carlos Lisboa, em seu livro **"Em nome das coisas"**, redimensiona na crônica "o céu no cotidiano", uma expressão de Daisetz Teitaro Suzuki, filósofo japonês, leva a medir o tamanho do conhecimento: *"Enquanto eu for alguma coisa, enquanto eu tiver alguma coisa, não serei nem terei todas as coisas. Preciso tornar-me puro até não ser coisa alguma e não ter coisa nenhuma. Então, não sendo isso ou aquilo, serei todas as coisas"*.

A incursão no terreno de quem atinge o poder de ser idoso reflete a coragem e o bem-estar de ter vivido, rejuvenescido a cada dia transcorrido, busca a essência de renovações. Ainda é Suzuki, da Universidade de Kioto, a determinar palavras para profunda meditação:

*"O homem é um ser pensante, mas suas maiores obras ele realiza sem o pensamento. Quando acaso volta a ser criança, depois de longos anos de aprendizado, o homem pensa, mas num sentido totalmente diverso. Pensa como a chuva cai do céu ou como as ondas quebram nas pedras, pensa como as estrelas brilham no escuro do espaço ou como as folhas são levadas ao vento. Esse homem é parte da chuva, do mar, das estrelas, do vento"*.

O pensar do silêncio e o repensar do nada determinam a substância para repensar. Para Ascendino Leite a velhice é a certeza do irremediável. Autor que produz o mais significativo Jornal Literário na configuração do tempo vivido. Em **"O Velho Leblon ou Novo Retrato do artista quando velho"**, começa a recompor o ano de 1987:

*"Preparar-me na velhice para suplantar as fadigas;  
reduzir o nível das lembranças;  
alimentar o espírito com as atrações do sonho;  
certo de que  
quem muito vive tem curtas esperanças e, assim,  
só lhe resta abrir, de par em par, as portas do ser às boas vindas daquele que há de vir para ditar a sorte final desta obscura jornada humana"*.

Entro num novo ano com um pensamento em nada otimista, mas numa perfeita serenidade e domínio de mim mesmo.

Não será este meu último ano de vida?

Uma boa regra é a aceitação daquilo que se processa fora do nosso controle, mas que sabemos inevitável a qualquer tempo. Uma certeza lógica. Incerto só o instante final, um dado a favor do nosso instinto de vida.

Pois o homem é o único animal que sabe que vai morrer. Também sabe que não pode governar o processo de sua morte.

Amaria, entretanto, tivesse uma audiência restrita e paciente, fora da dor física e do desgaste humilhante.

O idoso tem seus reencontros e Jorge Luis Borges define com objetividade: *"Cada um de nós se define para sempre num único instante de sua vida: é quando cada qual se encontra consigo mesmo"*. Ou para Apollinaire: *"Tive a coragem de olhar para trás as cinzas de meus dias"*.

Afinal, quando e como encaramos a velhice, período a determinar um ciclo de conscientização de que ultrapassamos a maturidade.

Eloah Janssen descreve o ciclo e cita artigo "Borges, a aventura serena da velhice", do qual extrai versos publicados no Jornal **"El Clarin"** (20/3/80): *"estas perguntas (sobre a morte) não são digressões do medo, senão da impaciente esperança"*.

São parte da trama fatal de efeito e de causas que nenhum homem pode prever e, acaso, nenhum deus”.

O articulista enfoca a velhice na literatura e na ciência, tendendo a um problema que empolga e emociona. Como fato cultural merece especial atenção o enfoque:

*“Sendo um dos primeiros questionamentos a idade em que se alcançaria a velhice, temos que: para Dante este marco é aos 45 anos; segundo Hipócrates, se atinge aos 56 anos; para Aristóteles a perfeição do corpo se completa aos 35 anos e a da alma aos 50 anos; já para Simone de Beauvoir o início é aos 65 anos. E quanto à velhice ser gradualmente sinônimo de morte, ela argumenta em sua obra:*

*“...a essencial verdade da vida; esta é um sistema instável no qual, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida. É um certo tipo de mudança que caracteriza o envelhecimento: irreversível e desconfortável - um declínio (...) “Mas uma dificuldade nos intercepta: o que significa a palavra “desfavorável”? Ela implica um julgamento de valor. Não há progresso ou regressão a não ser em relação a um objetivo a que visa a vida humana para determinar quais as transformações que a afastam e quais as que a aproximam desse objetivo”.*

Ainda o articulista, na abordagem do livro **“A Velhice”**, de Simone de Beauvoir ou **“Vencendo a velhice”**, de A.A. Bogomollets, formula paralelos. Já para Cristian Combaz em **“O Elogio da idade”** tem frase discutível: *“Quanto mais vivemos, menos refletimos.”*. São enfoques que polarizam um debate e prefiro ficar com o universo sábio de que o idoso conquista a cada dia mais experiência, mais vida, mais esperança. Vale a pena viver o espetáculo do presente. Jorge Amado, aos 80 anos, agradece o mérito de vibrar o vivido e, em entrevista a Hermes Rodrigues Nery, afirmou:

*“Eu sou um escritor de muita sorte. Eu tive mais na vida do que mereci, do que pedi. A começar pela companhia que eu tive, pela minha mulher, pelos meus filhos, pelos irmãos que tenho, gente da melhor qualidade. Sou um homem muito feliz com a vida”.*

Eu, também sou muito feliz com a vida. Cruzei o paralelo dos 60 e vibro com senha proposta por Mário de Andrade:

*“O importante não é ficar, é viver. Eu vivo. Meu destino não é ficar. Meu destino é lembrar que existem mais coisas que as vistas e curtidas por todos”.*

Nessa linha, gostaria de formular indagações com Carlos Drummond de Andrade, acerca do livro. Aonde a essência que me leva a falar sobre o idoso na literatura ou o idoso e a literatura, tema de tantas preocupações nascentes neste instante. O poeta indaga:

*“Que coisa é o livro? Que contém na sua frágil arquitetura transparente? São palavras, apenas, ou é a nua exposição de uma alma confidente?”*

O gosto pela leitura nos leva aos argumentos de novos tempos, onde o livro, apesar de tudo ainda é o refúgio e a busca de solitários.

Machado de Assis tem observações de perenidade: *“O tempo está nas nossas impressões. Há meses para os infelizes e minutos para os venturosos.”* Ou como Dante Moreira Leite em seu livro **“O Amor romântico e outros temas”**, registra conceito de Paul Guillaume: *“Achamos o tempo longo ou curto, conforme nos aborrecemos ou nos divertimos, estejamos ociosos ou trabalhemos, a ocupação seja monótona ou variada, estejamos atentos ao próprio tempo (espera, medida do tempo) ou estejamos distraídos dele. O tempo de uma viagem rica de impressões novas e fortes parece curto, enquanto vivemos essas impressões ao longo, quando as passamos em revista. Quanto mais envelhecemos, mais rápido parece o escoar do tempo”.*

Machado de Assis é autor onde buscamos a nossa identidade e, numa de suas cartas dirigidas ao jovem Azevedo de Magalhães, afirma: “*Já vale a pena envelhecer*”, quando recebe afeição de seus companheiros da Academia Brasileira de Letras. O tema da frase ganha maior consistência no parágrafo:

*“É verdade, meu querido amigo, os colegas da Academia entenderam mostrar, por um modo expressivo, que me querem, e o fizeram com tal arte e tão boa maneira que aumentaram de muito a gratidão que já lhes tinha. Já vale a pena envelhecer; acha-se no fim alguma cousa que a boa vontade sabe compor e dar, em compensação da viagem árdua e longa. Foi uma festa grande e bela para mim”.*

Rico o roteiro e pinço fragmentos em busca expressiva do estar aqui. Colho da memória espaço para vivenciar o passado/presente. O poeta, no seu fazer literário, retoma ao vivido e relembro o poeta Bandeira Tribuzi no canto:

*“Pudesse a vida  
retornar sempre  
pelo caminho  
que construiu.  
Pudesse o homem  
banir o tempo,  
voltar à infância  
e em nossos braços  
oferecermos-lhe  
o que nos dera:  
a mão que nos suporta  
agora suportada,  
o melhor conselho  
partido de nossa boca,  
o silêncio oportuno  
não seu, mas nosso,  
o que nos oferecia  
tornado nossa oferta.  
Pudesse a vida...  
Possas o pensamento  
ao menos guardar-te  
pequenininho nos braços  
em lúcido embalo”.*

A poesia tem maravilhas e impõe muita reflexão. José Paulo Paes publicou um livro intitulado “**A poesia está morta, mas juro que não fui eu que a matei**”, determina preocupação diante de tantas inovações. Há sempre a perspectiva de adaptação às inovações. Do tempo de haver perdido alguma coisa, o poeta argentino Raul Gustavo Aguirre propõe o envolvimento com o vento que sempre tem razão:

*“O não haver aniversariado longe  
de si mesmo,  
não importa se de joelho ou no meio do  
pântano mas perto de si mesmo,  
ou entre assuntos pendentes  
ou distorcidos desde o começo  
porém mastigados com teus dentes.  
Não importa, ser um objeto mais ou  
menos qualificável  
desprezível pelos que decidem  
não importa ser superado,  
massacrado, tergiversado,  
desmentido.  
A verdade advém de tudo isso”.*

Essa viagem por um tema que despertou curiosidade e entusiasmo, faz do momento a promessa de uma contínua busca. Revigorar apontamentos para um artigo ou ensaio preciso ao título “O escritor e o idoso”.

Vivi a experiência ao completar 60 anos e escrevi a crônica “**O escritor e o tempo**”, onde borbulham palavras. Emoção ou espanto, ficou a crônica do instante e como fruto desse encontro, revisito a crônica numa leitura que traz o sentimento expresso.

Já se tornou saudades e outro enfoque poderá surgir no agora ou no amanhã. O texto é de muita reflexão:

## **O ESCRITOR E O TEMPO**

*“De repente... abri a janela da biblioteca e deparei com o entardecer de minha vida. Céu claro, sereno, azul. No horizonte a brisa da paz. Sem mágoas, sem ressentimentos.*

Vejo a Catedral, morada da fé. O meu Banco remetendo extratos não alvissareiros. Vejo o rio se encurvando, se alongando e excrementos oculando. No Parque o asfalto já digeriu o verde.

Hoje ainda permanece a experimentação de ontem e que será a de amanhã. O primeiro desejo, o amor, o enlevo e até o êxtase. Sempre bem amado tradicionalmente na família.

Ah! Que poder de juventude está no meu coração apoiado em pontes de safena. Pulsam entusiasmos ao som de violinos, de tamborins em ritmos de samba. Empolgado, o arrebatamento alcança, pelos dedos, a pequenina caixa de fósforos e, na cadência das batidas, irradia as minhas emoções.

O tempo na minha memória vibra noites brasileiras, lituanas, polonesas, na esteira eslava de meus pais e na jovialidade de danças típicas, roupas vistosamente bordadas, sorrisos alvos de quem sabe o que representa a esperança no futuro. Essas emoções ou ansiedades provam o meu espírito, dando-me a certeza de viver perenidades. Exíguo é o espaço para citar os suspiros sentidos, as lembranças curtidas.

Bússolas ou rosas-dos-ventos direcionam a atenção para as melodias típicas e a alma estremece vibrante diante dos cantos, que confluem para a sensibilidade das palavras e sons.

A rosa, o cravo, a violeta e a orquídea são flores que caracterizam os sentimentos no dia-a-dia da vivência humana. Na exalação de seus perfumes, inebria-se a contemplação do Excelso, na arte de suas cores manifesta-se o Criador da natureza. Eis porque para mim o anoitecer justifica a validade do viver. E a noite da vida é estrelada, basta erguer os olhos para o alto, para o infinito.

O passado deixou saudades, deixou nostalgia. Luar do sertão, sertão ao luar... como me faz bem lembrar!

Cores, tonalidades, encantos do arco-íris com suas nuances dimensionam as vibrações da arte. Quantas artes? Se são sete as maravilhas divulga-

das no tempo, a infinitude artística se espalha no subjetivismo do ser humano.

Há canções que machucam o coração, pelo ritmo das notas musicais, pela expressão de poesia, pela ficção do conteúdo.

Sempre há dor na espera e o poeta que divisa distâncias sabe que o caminho da vida sempre está atravancado de situações adversas. Pois, a poesia do meu cotidiano sorri mais para a alegria do que lamenta a tristeza.

Sessenta anos... acocoro-me no patamar desses sessenta anos e contemplo a vida: águas em cascatas para o abismo deslizam, ora límpidas, ora turvas; ventos eriçam os meus cabelos grisalhos com vocação a brancos, ora menos frios, ora menos cálidos, sopram, porém, amizades perenizadas.

Recomponho todo o itinerário percorrido como quem monta um calidoscópio com impressões multicoloridas gravadas no espelho da memória. Que saudade! Sinto-me estrelado pela magia de infinitas composições. A minha alma é um relicário contendo a presença dos meus contemporâneos. No trajeto já efetuado houve buscas, intensas e extensas, de imortalidades em mortalidades, houve encontros marcantes, convívios inesquecíveis.

No âmago do meu ser ainda palpita a juventude. Resisto às fadigas com denodo, garimpo energias vitais para desempenhar, em plenitude, a nobre e importante tarefa de protagonista do espetáculo da vida, no tablado do mundo, no tempo do dia-a-dia".

Configurar o idoso na literatura seria evocar textos, desde um dos livros que marcaram minha juventude: "O Velho e o mar", de Hemingway. De Dostoiévski guardo gratas figuras a marcarem idades. Em destaque optei por considerações genéricas, dando espaço e oportunidade para abrangência do tema. Especificar o idoso através de personagens demandaria uma profunda reflexão e seria mais uma aula acadêmica.



*Afirmar recentemente que o meu verdadeiro rosto, presente ou futuro, está nos livros que escrevi. É nelas que disse quem sou e como sou, e é nele que espero se prolongue e alargue a graça desta comunhão humana, sem a qual a passagem pelo mundo não teria sentido. Para mim, pelo menos, feito dum barro tão frágil e vulnerável, que necessita de ser amado durante a vida e de acalantar a esperança de continuar a sê-lo depois da morte.”*

Eis, em linhas gerais, o que vos ofereço nesta oportunidade, buscando meditação profunda sobre o idoso e tirando lições para minhas reflexões. Espero que os versos de Rimbaud, tenham servido de itinerário, como indagação ou a afirmação do que foi dito:

*“Vós nada compreendereis, e eu nada poderia explicar-vos”.*

Relembrando a poetisa Cora Coralina, cuja estréia na literatura ocorreu aos 65 anos e tive a emoção de resenhar o seu livro e manter a ponte de ternura entre Goiás e São Paulo. A ela o aprendizado poderoso do mistério e magia da vida que se circunscreve em todas as vidas. Homenagem à mulher, responsável pela minha, tua, nossa vida, onde qualquer esquecimento joga na obscuridade e cujos versos determinam a aurora redentora da mulher:

*“Vive dentro de mim  
uma cabocla velha  
de mau olhado,  
acorçada ao pé do borralho,  
olhando para o fogo.  
Benze quebranto.  
Bota feitiço...  
Ogum. Orixá.  
Macumba, terreiro  
Ogã, Pai-de-Santo...”*

*Vive dentro de mim  
a lavadeira do Rio Vermelho  
Seu cheiro gostoso  
d'água e sabão.  
Rodilha de pano.  
Trouxa de roupa,  
pedra de anil.  
Sua coroa de são-caetano.*

*Vive dentro de mim  
a mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola.  
Quitute bem feito.*

*Panela de barro.  
Taipa de lenha.  
Cozinha antiga  
toda pretinha.  
Bem cacheada de picumã.  
Pedra pontuda.  
Cumbuco de côco.  
Pisando alho-sal.*

*Vive dentro de mim  
a mulher do povo.  
Bem proletária.  
Bem linguaruda,  
desabusada, sem preconceitos,  
de casca-grossa,  
de chinelinha,  
e filharada.*

*Vive dentro de mim  
a mulher roceira.  
- Enxerto da terra,  
meio casmurra.  
Trabalhadeira.  
Madrugadeira.  
Analfabeta  
De pé no chão.  
Bem parideira.  
Bem criadeira.  
Seus doze filhos,  
Seus vinte netos.*

*Vive dentro de mim  
a mulher da vida.  
Minha irmãzinha...  
tão desprezada,  
tão murmurada...  
Fugindo alegre seu triste fado.*

*Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida  
a vida mera das obscuras”.*

São tantas as vidas dentro de mim, cujo significado vou captando no instante em que me torno idoso. O SESC proporcionou a oportunidade para despertar ao fato e reciclar a importância do novo ciclo: a terceira idade. Mantenho-me jovial sem querer estar equivocado e necessito de uma reflexão maior para viver o meu cotidiano.

# Mulher defende o marido

A encarregada de limpeza do Hospital de Campo Limpo, Maria do Socorro Braga Costa, 46, disse no 47.º DP que seu marido, José Ramos Felipe da Costa, matou o filho "para não morrer" al?

# Menina que foi estuprada e morta deve ser enterrada hoje

O corpo da menina Ywente sustentado por Rayanne Gomes Guilherme.

# Papa pede que mulheres busquem igualdade com homens

Martina: firme em Wimbledon.

Os sexos "contêm" o mesmo. "Ele quer também ser considerado homem".

# Betty Faria peça sob o nome de Marilene

Reio — A peça de Betty Faria sob o nome de Marilene, para interpretar o personagem de Flávio, que teve um ataque de nervos, título provisório de Flávio, texto de Flávio, bem humorado, de falar do cotidiano, totalmente desconhecido para um tempo, quando para a linguagem para a linguagem para o passado, Souza Lima e pediu o texto. Além de não aceitar o contrato, Cantolano e chamou. Mais do que o próprio nome no palco, depois o nome de Betty e o nome de Marilene.



# Etta James grava tributo no LP de cantora Billie Holiday

Etta James grava tributo no LP de cantora Billie Holiday.

# Estudante defende a mulher

Estudante defende a mulher.

# Para buscar igualdade com homens

Para buscar igualdade com homens.

# Martina: firme em Wimbledon

Martina: firme em Wimbledon.

# Betty Faria peça sob o nome de Marilene

Betty Faria peça sob o nome de Marilene.

# Segundo a polícia, as mulheres eram traficantes de drogas

Segundo a polícia, as mulheres eram traficantes de drogas.



# A mulher na Atualidade

O homem se encontra atrasado em relação à mulher  
que já avançou no terreno das indagações  
fundamentais que a ajudaram a definir melhor sua  
identidade feminina e mesmo até a entrar hoje numa  
fase de revisão de conceitos

**DRA. MARIA LÚCIA CARVALHO DA SILVA**

Professora do Programa  
de Estudos Pós Graduated  
em Serviços Social - PUC/SP



*A atenção dada aos problemas femininos propiciou a criação nas universidades estrangeiras e brasileiras de uma nova disciplina: "estudos femininos" ou "women studies", nucleadores de permanentes investigações, teses, trabalhos acadêmicos, etc.*

**N**a esteira do tempo, lá se vão duas décadas, em 1970, o SESC/SP teve a iniciativa pioneira de realizar no recinto da "Feira de Utensílios e Serviços de Escritório", o Seminário sobre "A Mulher que trabalha", convidando-me para expor o tema "Considerações sobre a Emancipação da Mulher". Foi a primeira vez que tive a oportunidade de debruçar-me reflexivamente sobre a questão da mulher.

Nesta ocasião, foram, sem dúvida, significativas as repercussões do Seminário e também de minha exposição, ao se abrir a discussão sobre um tema ainda emergente, de pouca visibilidade entre nós.

Vinte e um anos se passaram e eis que agora o SESC/SP novamente me convida para uma participação neste Simpósio Nacional sobre "Valores, Ideologias e Gerações", com a apresentação do tema "A Mulher na Atualidade."

Como em 1970, o presente convite, ao qual muito agradeço, foi deveras estimulante, pois nesse tempo entre um e outro, não me foi possível acompanhar diretamente a evolução teórico-prática dos movimentos das mulheres, envolvida que estava em outras áreas de estudos e outras vivências profissionais.

Assim é que pretendo trazer aqui o que consegui captar e sintetizar sobre os marcos expressivos da caminhada contemporânea das mulheres nestes dois últimos decênios: 70/80 e 80/90.

Começo apontando para uma decorrência atual do que se denomina a "revolução que as mulheres fizeram", isto é, as transformações causadas pelo novo papel da mulher na sociedade e o fato de progressivamente ela ocupar

espaços que antes eram exclusivos do homem, como tão bem constatou e analisou o psiquiatra Luiz Cuschnir, do Hospital das Clínicas de São Paulo, em sua entrevista à revista "VEJA" de 6/3/91, ou seja, o "dilema masculino". Este dilema masculino significa uma grande crise de identidade do homem que tenta descobrir como ser homem num mundo em que a emancipação da mulher é irreversível.

Neste sentido, o homem, em geral, se encontra muito atrasado em relação à mulher que já avançou no terreno das indagações fundamentais que ajudaram a definir melhor sua identidade feminina e mesmo até a entrar hoje numa fase de revisão de conceitos.

Outra observação inicial que faço é a surpreendente descoberta sobre a consistente, extensa e variada elaboração bibliográfica, em ciências humanas e sociais, sobre a questão da mulher, nos mais diversos aspectos, existente e disponível atualmente. Em 1970, era ainda muito escassa a produção de estudos, pesquisas e trabalhos sobre a mulher e o movimento que se denominou feminismo.

Essa atenção dada aos problemas femininos propiciou a criação nas universidades estrangeiras e brasileiras de uma nova disciplina: "estudos femininos" ou "women studies", nucleadores de permanentes investigações, teses, trabalhos acadêmicos etc.

Pergunta-se, então, a partir dessas duas constatações, qual foi a trajetória das mulheres nesses últimos vinte anos no contexto internacional?

É preciso assinalar que a década de 60 caracterizou-se por intensa mobilização na luta contra o colonialismo, a

discriminação racial, pelos direitos das minorias, pelas reivindicações estudantis. Esses movimentos ampliaram o campo do político, alargando a compreensão das contradições sociais para além do estritamente econômico, revelando a existência de outras formas de poder.

É neste momento histórico que fortemente se reacende a chama da luta das mulheres por seus direitos, surgindo os diversos movimentos de libertação ou liberação, com uma ampla variedade de reivindicações econômicas, sociais e políticas e as mais diferentes formas de contestação ou protesto.

No final dos anos 60 já estavam dados os primeiros passos na construção de uma teoria feminista. No exterior surgem, entre outros livros, o **“Segundo Sexo”**, de Simone de Beauvoir, a **“Mística Feminina”**, de Betty Friedmam, a **“Política Sexual”**, de Kate Millet, **“A condição da mulher”**, de Juliet Mitchel e, entre nós, no Brasil, **“A mulher na sociedade de classes”**, de Heleith Saffioti e a **“Mulher na construção do mundo futuro”**, de Rose Marie Muraro e **“Trabalho, família e classes sociais em São Paulo”** de Eva Blay.

A partir da década de 70, de uma maneira geral, o feminismo já desponta como inegável força política, com imenso potencial de transformação social. Surgem inúmeras organizações que atuam como centros congregadores de grande número de mulheres que desenvolvem atividades permanentes (grupos de trabalho, pesquisas, debates, cursos, publicações) e participam das campanhas que levaram milhares de mulheres às ruas por suas reivindicações específicas.

Neste período, as marchas de protesto foram a tônica dos movimentos feministas de todos os países e visaram, sobretudo, os aspectos de desigualdade de tratamento ou discriminação entre os sexos. Nestes anos, a mulher também se preocupou muito em saber o que é ser mulher, em descobrir sua identidade, especificidades, características.

Na década de 80, o feminismo prossegue sua intensa atuação, alcançando o status de um movimento de massas e tornando-se uma das mais vigorosas correntes culturais do presente.

Formando-se uma consciência a respeito da importância da transformação da condição da mulher, legitimou-se, desta forma, o debate em torno desta questão, antes relegado a um plano marginal, tanto a nível do político, quanto do científico.

O movimento feminino trouxe também, nos anos 80, para dentro dos partidos políticos, a questão da participação ativa e crítica da mulher.

Vale dizer que, apesar de a situação da mulher na sociedade variar de cultura a cultura, de não se poder separar os problemas da mulher da evolução geral da economia, da política, da vida social e dos momentos históricos conjunturais, como por exemplo, eclosão de guerra, crise econômica, regime repressivo e autoritário etc, nas décadas acima referidas, por essas razões, nos diferentes países, as frentes de luta do movimento feminista foram diversificadas, embora alguns temas tenham sido generalizados por constituírem reivindicações básicas das mulheres ou pontos comuns de ação. São eles: sexualidade, violência, aborto, contracepção, saúde, ideologia, formação profissional e mercado de trabalho.

É necessário ainda dizer que os movimentos feministas em geral não têm tido uma atuação linear, uniforme e homogênea, podendo-se neles identificar diferentes etapas de fluxos e refluxos de mobilização e desmobilização, de ascenso e descenso, de divisões internas, conflitos, tensões, oposições radicais etc.

Segundo Heleith Saffioti, não se pode falar em feminismo no singular, tal a peculiaridade e heterogeneidade de manifestações do feminismo.

*É forçoso reconhecer, contudo, que o movimento feminista no panorama internacional, no seu conjunto, apesar de suas várias tendências ou denominações, vem procurando se repensar e reconstruir seu perfil, pelo esforço de reformulação de sua teoria, metodologia e prática de trabalho.*

No plano mundial, desse modo, é possível identificar quatro principais vertentes ou tendências do feminismo: a liberal-burguesa, a marxista tradicional, a radical e a socialista - feminista.

A primeira é uma corrente para a qual a desigualdade entre os homens e mulheres se limita à desigualdade de oportunidades, propondo o aperfeiçoamento progressivo dos dispositivos legais, concebidos como garantias formais dos "direitos humanos" e para serem exibidos enquanto conquistas de democracia.

A corrente marxista tradicional, dogmática, reduz as questões sociais unicamente ao nível econômico, privilegiando a luta de classes.

A corrente radical defende que a opinião da mulher está relacionada com a diferença biológica definida pelo sexo.

A corrente socialista-feminista busca lidar simultaneamente com a problemática das classes sociais e com as categorias do sexo e de suas interrelações, nos diversos tipos de sociedade, seja qual for o modo de produção vigente e a conformação sócio-cultural e política.

Como eventos marcantes, nessa época, ressalta-se, em 1975, a declaração pela ONU do "Ano Internacional da Mulher", cujos objetivos centrais eram obter a igualdade, o desenvolvimento e a paz. O Ano Internacional da Mulher propôs um plano de ação que enfatizava as novas funções e papéis da mulher e do homem, profundamente ligados ao processo geral de modernização, ao desenvolvimento econômico e social, à busca da justiça social, igualdade e dignidade para cada ser humano.

Durante o Ano Internacional da Mulher realizaram-se inúmeros encontros, oficinas e seminários em quase todos os países, com o escopo de preparar a "Conferência Mundial do México", no mesmo ano de 1975. Esta conferência mundial destinou-se a promover a igualdade de direitos entre ambos os sexos e confrontar as idéias

dos países desenvolvidos com as dos países em processo de desenvolvimento ou subdesenvolvimento, analisando-se a real posição da mulher na atualidade.

O Brasil teve como representante na Conferência Mundial do México, no Ano Internacional da Mulher, a Dra. Bertha Lutz, pioneira da causa feminina em nosso país, aos 82 anos de idade.

O resultado da análise sobre a condição feminina na Conferência Mundial foi chocante: em todos os países, independentemente de seu grau de desenvolvimento econômico, a mulher era um ser tratado de forma desigual e inferior. Para tentar superar tal situação, a ONU instituiu a "Década da Mulher" - 1976/1985 - propondo que neste período todos os países assumissem um compromisso de iniciar um processo de discussão em torno da discriminação e fizessem um esforço no sentido de encontrar caminhos para uma prática política que enfrentasse e removesse os "entraves que limitam a plena cidadania feminina".

Em 1980 e 1985 foram realizadas respectivamente em Copenhague, na Dinamarca, e em Nairobi, no Quênia, outras Conferências Mundiais para avaliar os avanços alcançados na Década da Mulher.

É possível afirmar, segundo Moema Viezzer, que esses três eventos, do México, de Copenhague e de Nairobi, "revelaram, de certa forma, a internacionalização de um movimento que só pode ser mundial, uma vez que a subordinação da mulher ao homem é um fenômeno universal, milenar que atravessa civilizações, sistemas econômicos e classes sociais".

Além disso, permitiram avaliar alguns aspectos da luta feminista e das demandas implícitas nos diversos movimentos, organizações e grupos de mulheres. A Década da Mulher, finalmente, apesar de ter pouco contribuído para a implementação de relações sociais igualitárias à maioria das mulheres e homens, possibilitou visualizar a necessidade de se buscar formas novas de relações entre mulheres e homens.

Como uma outra iniciativa da ONU, merece ser destacada a instituição do dia 8 de março como o “Dia Internacional da Mulher”, data que desde 1979 vem sendo intensamente comemorada no Brasil e na maioria dos países.

O feminismo, ao longo dos anos considerados, notadamente na América Latina, foi adquirindo expressões diversas como **movimento feminista**, **movimento de mulheres** e **mulheres em movimento**, para designar diferentes formas de participação das mulheres.

A primeira designação refere-se aos grupos que se auto-denominam feministas radicais. O “movimento de mulheres” inclui as que atuam em espaços mistos, como partidos políticos, sindicatos, comunidades eclesiais de base etc, e nem sempre trabalha as prioridades do movimento feminista. A expressão “mulheres em movimento” tem sido usada no sentido de participação das mulheres nos movimentos sociais ou populares, bem como para designar espaços novos que as mulheres estão ocupando, entre eles, o do poder público.

É forçoso reconhecer, contudo, que o movimento feminista no panorama internacional, no seu conjunto, apesar de suas várias tendências ou denominações, vem procurando permanentemente se repensar e reconstruir seu perfil, pelo esforço de reformulação de sua teoria, metodologia e prática de trabalho.

Quanto ao feminismo no Brasil contemporâneo, pode-se indicar o Ano Internacional da Mulher como um ponto de referência fundamental para sua compreensão. A proposta da ONU foi particularmente relevante para as mulheres brasileiras, por ter propiciado um espaço de discussão e organização, numa conjuntura política marcada pelo cerceamento das liberdades democráticas. Assim, 1975 foi um ano em que as mulheres, principalmente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, puderam falar de seus problemas específicos e

dar os primeiros passos no sentido de ampliar este debate para outros setores sociais.

No Rio de Janeiro deu-se a formação do “Centro da Mulher Brasileira” e, em São Paulo, em decorrência do “Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista” e da “Carta-Proposta da Mulher Paulista”, surge o “Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira”.

Ambos os Centros realizaram pesquisas, encontros, projetos diversos sobre educação sexual, planejamento familiar etc. que muito impulsionaram os movimentos de mulheres que se organizavam.

No mesmo ano, há também o surgimento do “Movimento Feminista pela Anistia” que, além da importância de seu objetivo principal, colaborou significativamente para o avanço do movimento das mulheres. De 1975 a 1978 intensificam-se, paralelamente a esses primeiros grupos e organizações feministas, novas alternativas de atuação. Embora sem cunho particularmente feminista, não se pode deixar de mencionar a participação da mulher em associações de bairro, de donas de casa, clubes de mães, movimentos populares em geral que marcam a presença feminina na esfera pública, a partir de sua vida cotidiana, e significa uma conscientização para seus problemas específicos, da comunidade, do bairro e da cidade.

A partir de 1979, o feminismo enquanto movimento organizado expande-se consideravelmente pela criação de novos núcleos em outros Estados do Brasil, o que demonstra sua vitalidade.

Os núcleos dedicam-se às mais variadas tarefas: reflexão, grupos de estudo, publicação de jornais, (entre os quais podem citar-se “Brasil Mulher”, “Nós”, “Mulheres” e “Mulherio”), cartilhas, folhetos, cinema, teatro, pesquisas, clínicas de saúde, casas da mulher, onde se desenvolve um trabalho de apoio jurídico, psicológico, cultural etc.

*Os movimentos feministas, em geral, não têm tido uma atuação linear, uniforme e homogênea, podendo-se neles identificar diferentes etapas de fluxos e refluxos de mobilização, de ascenso e descenso, de divisões internas, conflitos, tensões, oposições radicais.*

À semelhança dos Estados Unidos e Europa, também no Brasil os grupos feministas se colocam como organizações autônomas, ou seja, sem vinculação formal com qualquer partido político. Isto porque a luta da mulher tem um cunho específico que ultrapassa os limites das diferentes correntes políticas. O que não implica, no entanto, que o movimento feminista não atue ao lado daqueles partidos que também denunciam as desigualdades sociais e se propõem a superá-las, ou então, mais recentemente, realize esforços no sentido de criar o “Partido Brasileiro das Mulheres”.

É mister ressaltar, em 1978, a criação do “Movimento de Custo de Vida”, a partir de mulheres organizadas em Clubes de Mães, em torno de três reivindicações fundamentais: congelamento de preços, aumento salarial e abono imediato, bem como, em 1979, a criação do “Movimento de Luta por Creches”, a partir do “Primeiro Congresso da Mulher Paulista”.

A creche é reivindicada como um direito do cidadão e não como uma benesse ou forma de caridade, devendo ser instalada nos bairros, nas empresas, nos sindicatos, nos locais de trabalho.

Ao iniciar 1980, foi elaborado e encaminhado ao Congresso Nacional um ante-projeto de reforma do Código Civil Brasileiro no que tange diretamente à mulher, como o conceito de chefia da sociedade conjugal, a capacidade para a administração dos bens do casal, o exercício do pátrio poder e outras alterações.

Em 1983, um grupo de mulheres militantes do PMDB gestou o “Conselho Estadual da Condição Feminina”, logo incorporado pelo Governo do Estado de São Paulo. Este exemplo, em seguida, se concretizou em Minas Gerais, Paraná e outros Estados.

Embora o Conselho Estadual da Condição Feminina não tenha surgido de baixo para cima, dos movimentos de mulheres, passou a ser mediador entre

as aspirações femininas e o aparato estatal, legitimando-se por trabalhos sérios e competentes e pelo diálogo constante com as organizações de mulheres.

Dentre os inúmeros projetos do Conselho Estadual da Condição Feminina, pode-se destacar, no tocante ao enfrentamento à violência da mulher, a criação do “Centro de Orientação Jurídica e Encaminhamento” - COJE -, das “Delegacias de Defesa da Mulher” e do “Pró-Vítima”, instituições inovadoras, com valiosa contribuição à proteção contra a agressão física e sexual da mulher.

Em 1985, é criado o “Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Mulher”, a nível do governo federal, presidido inicialmente por Ruth Escobar e cujo objetivo principal, no momento pré-constituente que o país atravessava, era abrir um amplo fórum de debates sobre a necessidade de mudança de legislação, tanto em relação aos direitos das mulheres como cidadãs, como em relação às questões específicas do sexo feminino e à denúncia da desvalorização da mulher, manifesta nas mais variadas expressões de nossa cultura.

Os Conselhos Estaduais e Nacional trouxeram para o debate público brasileiro a questão da mulher. Foram as instituições que mais perto chegaram do Estado para propor ou iniciar a implantação de políticas públicas relativas à mulher. Neste sentido, eles viabilizaram parcialmente as propostas amadurecidas nos movimentos de mulheres.

A Constituição Federal promulgada em 1988 (a 8ª Constituição Brasileira) muda profundamente o estatuto legal da mulher, trazendo o princípio da igualdade formal de direitos e de deveres entre o homem e a mulher, inserido no capítulo dos direitos fundamentais.

Esta conquista foi produto da participação de muitas mulheres que trabalham nesse intuito, assim como do lobby do “Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Mulher”, dos Conselhos Estaduais e Municipais, das deputadas

constituintes, das pressões de diversas organizações da sociedade civil, que formaram a primeira frente suprapartidária para defender a mulher e a família.

Cabe ainda ressaltar que na década de 80 elevou-se consideravelmente o número de mulheres eleitas nos diferentes pleitos para o Senado (2 suplentes), para a Câmara (26 deputadas federais), para as Assembleias Legislativas (36 deputadas estaduais) e Prefeituras do Brasil (100 Prefeitas). Além disso, na maioria dos Estados e em muitos municípios surgem entidades, organizações e grupos autônomos de mulheres, perfazendo hoje um total de mais de 2000 no país.

Em São Paulo, capital, é indispensável citar a “Coordenação do Movimento de Mulheres de São Paulo”, “Centro de Informação Mulher”, “Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde”, “Rede Mulher”, “Casa da Mulher de São Paulo”, “União de Mulheres de São Paulo”, “S.O.S./Ação Mulher”, “Confederação das Mulheres do Brasil” e tantas outras.

Igualmente cresce o número de grupos de mulheres organizadas em entidades mistas, a saber: partidos políticos, centrais sindicais, igrejas, associações profissionais, embora em suas agendas de lutas as reivindicações das mulheres não tenham alcançado prioridades ou destaque.

Em 1985, a socióloga Eva Blay, 1ª Presidente do Conselho Estadual da Condição Feminina, decidiu realizar um diagnóstico sobre a situação da Mulher no Brasil e em São Paulo, durante a “Década da ONU para a Mulher” (1976/1985), a fim de se poder analisar os avanços e os recuos que a condição feminina teve nesse período. Selecionei algumas conclusões sobre a relação Mulher/Trabalho, Mulher/Saúde e Mulher/Educação como significativas desse diagnóstico que se encontra publicado por aquele Conselho.

Em 1º lugar, segundo dados do IBGE, a população geral brasileira com-

preende 144.293.110 pessoas, das quais 73.481.174 são mulheres e 70.811.936 são homens, o que revela uma diferença de 2.669.238 mulheres, ou seja, estas já são pouco mais que a metade da população. Desta população feminina 1/3 representa força de trabalho, o que implica 35% da população economicamente ativa.

Quanto à inserção da mulher no mercado de trabalho, ressalta-se ainda a desvantagem da mulher trabalhadora, o que pode ser sintetizado pelos baixos rendimentos que recebe, sempre inferiores aos dos homens, independentemente das horas trabalhadas, do setor de atividades em que se situa, da posição na ocupação que desempenha e do seu nível de escolaridade.

Além disso, sua condição de trabalhadora remunerada é possibilitada ou constrangida por sua posição na família. O caráter complementar e secundário da atividade feminina na esfera produtiva é que permite e legitima a condição discriminatória que a mulher detém no mercado de trabalho. São atividades femininas principais: empregadas domésticas, secretárias e escriturárias, trabalhadoras na agropecuária, professoras e auxiliares, operárias na indústria do vestuário e balconistas ou lojistas.

Quanto à saúde, o atendimento à mulher, na maioria das vezes, ainda é limitado apenas às funções ligadas diretamente à gravidez, ao parto, à lactação, sendo todas as demais questões não diretamente ligadas com a maternidade, ignoradas ou tratadas de maneira fragmentada. São ainda recentes os esforços em São Paulo de se implantar o Programa de Saúde Integral da Mulher e hoje se começa a retomar o debate pela conquista da legalização do aborto como direito.

Quanto ao ensino formal, em seus diversos níveis, apesar da igualdade constitucional de oportunidades educacionais entre homens e mulheres, e da miscigenação sexual teórica e legal das escolas, certamente vem atuando

*A exigência da reciprocidade para as relações entre um homem e uma mulher parece, pelo menos atualmente, que o caminho indicado para o sucesso do feminismo enquanto instrumento teórico e prática política.*

no sentido de segregar os sexos por ramos e áreas de conhecimento. A consequência direta em termos de trabalho profissional é que este sistema escolar vem fornecendo, pelo menos, argumentos para a segregação ocupacional, o que constitui um fator limitador da participação da mulher na força de trabalho. Além disso, a escola ainda continua a reforçar os estereótipos sexuais, não tendo assumido uma proposta anti-sexista.

O referido diagnóstico também reconhece que dentre as camadas mais pobres da população, é crescente o número de mulheres chefes de família, isto é, aquelas que têm toda a responsabilidade pelo bem-estar social e econômico das pessoas que vivem na casa. Geralmente são elas que recebem os salários mais baixos, dispendo, assim, dos mais precários recursos para a sobrevivência pessoal e familiar.

Esta situação tende a se agravar ainda em situações de crise econômica, com desemprego e recessão que hoje estão cada vez mais amplos e agudos.

Um balanço final desta década evidencia que o feminismo no Brasil vem se construindo a partir das resistências, conquistas e derrotas que compõem a história da mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em contínuo processo de recriação.

Hoje, segundo Sandra Helena Rodrigues, a mulher se integra em espaços e setores até então masculinos. Ainda que seja uma integração desigual, a consciência crescente dessa desigualdade vem paralelamente se fortalecendo. E é, sem dúvida, essa consciência que levará as mulheres a buscarem cada vez mais, um espaço que lhes cabe por direito, para atuarem decisivamente dentro da sociedade brasileira.

Pergunto, agora, para concluir: o que se afigura para os movimentos das mulheres na década de 90, no limiar do século XXI?

Tentando refletir sobre a questão, penso que há dois pontos a considerar. O primeiro é que, de um modo geral, os movimentos sociais no Brasil, inclusive o feminismo, parecem presentemente passar por uma fase de refluxo e desgaste, a ser entendida intimamente relacionada com a conjuntura nacional de hoje, de profunda crise econômica, social ética e política, de frustração, descrédito e desânimo popular. Talvez esse esgotamento do feminismo se deva, entre outros problemas, à sua distância da mulher comum, ao separatismo radical e às disputas pelo poder. Neste momento, é imperioso, tendo em vista esta realidade, repensar a participação, encontrar novos caminhos de participação individual e coletiva na sociedade futura a ser reconstruída.

O segundo ponto diz respeito a dois dilemas: um é a indagação se a sociedade modificará amplamente seus valores a partir da conquista da mudança legislativa sobre a mulher, e como vão se consolidar na prática seus novos direitos; o outro dilema concerne ao que Rose Marie Muraro, depois de militar no movimento feminista brasileiro, durante anos, chama agora de pós-feminismo. Diz ela, em uma declaração, que “feminismo é quando você vai para a rua denunciar. Nós já fizemos muito isso e não precisamos mais fazer. Estamos numa fase em que depois da desconstrução, começamos a construir, a apontar as direções para onde vai a nova razão ocidental, não mais cartesiana que é masculina e segregacionista. O que se propõe agora não é o enfrentamento entre os sexos, mas a união, a cooperação entre homens e mulheres. Uma nova compreensão sobre as relações de gênero e poder no Brasil. A luta por um novo relacionamento com o homem”.

Em sua dissertação de mestrado em ciências sociais na PUC/São Paulo, intitulada: “O Problema não Está na Mulher”, Moema Viezzer, analisa as relações de gênero, explicitando que são elas relações sociais, nas quais são atores homens e mulheres. A emergên-

cia do conceito de relações sociais de gênero, explica esta autora, se produziu como parte da busca de uma teoria feminista que contemplasse, de maneira globalizante, todas as questões relacionadas com a subordinação da mulher ao homem. Ultimamente, este conceito se tornou um dos principais instrumentos de análise das condições em que vivem as mulheres em relação aos homens nas sociedades, e do significado que vêm tomando as diversas formas de mobilização das mulheres no mundo inteiro.

Uma das principais contribuições deste conceito está em situar o problema universal da subordinação da mulher ao homem, onde ele de fato se encontra, ou seja, nas relações sociais e não nas mulheres como uma categoria à parte, do mesmo modo que não nos homens.

A expressão relações sociais de gênero remete à evidência do significado social das relações homem-mulher que perpassam todas as instâncias da vida humana, uma vez que a vida humana só é possível através da complementariedade biológica e da co-operação entre os dois gêneros.

Um homem é um homem, mas existe uma pluralidade masculina. Uma mulher é uma mulher, mas existe uma pluralidade de femininos. Mas homens e mulheres são seres humanos iguais em dignidade e direitos. E o que as mulheres propõem é apenas e simplesmente que a sociedade se estruture e se organize em função dessa igualdade, já universalmente declarada, mas ainda não concretizada.

O conceito de relações sociais de gênero sugere que o feminismo, entendido como “instrumento teórico e prática política”, aluda tanto às mulheres quanto aos homens, uma vez que unicamente na superação da contradição genérica se encontra implícita a possibilidade de uma transformação social e qualitativamente inédita.



As relações sociais de gênero que subordinam a mulher ao homem, embora desiguais, não são antagônicas, não sendo portanto, possível resolvê-las pela eliminação de um gênero por outro. A eliminação de desigualdade somente se atingirá mediante relações sociais complementares e igualitárias, baseadas na reciprocidade.

A exigência da reciprocidade para as relações entre um homem e uma mulher parece, pelo menos atualmente, o caminho indicado para o sucesso do feminismo enquanto instrumento teórico e prática política.

Recíproco é o que é mútuo, é o que numa relação vale para ambos. Se a relação é baseada na reciprocidade, torna-se indispensável, tanto nas relações interpessoais, quanto nas relações entre homens e mulheres nas demais esferas da vida social: na economia, na política, na cultura, nos códigos de comunicação. Nesta compreensão, diria, citando Yoko Ono, que “feminilizar o mundo é uma exigência de amor que começa no aqui e no agora e termina na reconciliação ou conciliação dos dois sexos. Isso implica superar a ruptura entre público e privado.”

Já não basta hoje, como ocorreu no passado, pensar somente na eliminação das classes sociais ou priorizar esta questão em detrimento das relações de gênero. Impõe-se o ataque simultâneo a todas as contradições, afim de se levar a um bom termo o processo histórico que visa a construção de uma sociedade realmente igualitária.

A mulher na atualidade é cada vez mais e indiscutivelmente um importante personagem na conquista de um novo modo de pensar e agir dos seres humanos, que aponta para outra alternativa de ser, de relacionar-se, de conviver, de amar, de fazer a história.

O feminismo ou pós-feminismo ou feminismo revisitado dos anos 90, no Brasil, como querem outros autores, começa também a reconhecer a necessidade de associar-se às lutas ecológicas, aos movimentos pacifistas, de procurar contribuir para a consolidação e reinvenção permanente da democracia, de pensar no novo homem que haverá

de partilhar com as mulheres uma nova qualidade de vida, e, principalmente, de se voltar muito mais às mulheres dos setores populares e de vir em ajuda às mulheres idosas das quais nunca ou pouco, se ocupou.

Neste aspecto, os dados das pesquisas disponíveis evidenciam que a grande maioria das pessoas que vivem sós na cidade de São Paulo, são mulheres de mais de 60 anos de idade.

Como os programas, os serviços, as entidades sociais estão atendendo este segmento tão significativo?

Como são percebidas as subjetividades dessas mulheres idosas, sua vida cotidiana, sua participação como sujeitos sociais e políticos? O que têm elas a dizer de sua visão de mundo, a transmitir de suas experiências e saberes e a atuar por mudanças criativas que se impõem no presente e no futuro?\*

Com essas e outras perspectivas, certamente, o feminismo continuará escrevendo a história contemporânea.

---

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- MARÍAS, Julián - **A mulher no século XX** - Tradução do espanhol de Diva Ribeiro de Toledo Piza - Editora Convívio. São Paulo - 1981.
- DA FONSECA, Rony Medeiros et alii - **A condição feminina** - Organização de Nanci Valadares de Carvalho - Edições Vértice - São Paulo - 1988.
- BARROSO, Carmen - **Mulher, Sociedade e Estado no Brasil** - Edição conjunta Unicef e Editora Brasileira - São Paulo - 1982.
- TABAK, Fanny - **Autoritarismo e participação política da mulher** - Edições Graal - Rio de Janeiro - 1983.
- ALVES, Branca Moreira e Pitanguy, Jacqueline - **O que é feminismo** - Coleção Primeiros Passos - Abril Cultural/Editora Brasileira - São Paulo - 1985.
- "SÃO PAULO em perspectiva" - **Mulher, Sociedade e Estado - trabalho - saúde educação** - Revista da Fundação SEADE - São Paulo - V.2 n.1. Jan/Abr 1986.
- O "CORREIO DA UNESCO" - **A mulher invisível** - Editora Fundação Getúlio Vargas Ano 8 n.9. Rio de Janeiro, set. 1980.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani - **Feminismos e Seus Frutos no Brasil** (mimeo) Seminário CLACSO - CEDEC - São Paulo - jan. de 1986.
- VERUCCI, Florisa - **A mulher e a família na nova Constituição Brasileira** - (mimeo) São Paulo, nov. de 1988.
- FIGUEIREDO, Mariza - **A evolução do feminismo no Brasil** - (mimeo) "Seminário Nacional" O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas" - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - UFBA - 31 de outubro a 4 de novembro - 1988.
- Conselho Estadual da Condição Feminina - **Diagnóstico da situação da mulher no Brasil e em São Paulo entre 1976 a 1985** - (mimeo) São Paulo - 1985.

Um senhor chegou  
rmo “centro de convivênc  
Idoso pudesse se “amparar” e  
tar de atividades como música  
etc.; e outro foi de opinião que  
xistir mais centros de recreaç  
io. Uma senhora sugeriu  
ia se encarregasse

# **Opinião de Idosos acerca da velhice**

**Pesquisa de campo  
que verifica a opinião  
de um grupo de idosos  
de diferentes classes  
sociais sobre  
a velhice.**



**VERA REGINA WALDOW**

**É escassa a literatura sobre a velhice, como também são insuficientes as pesquisas e dados estatísticos sobre a população de idosos. Parecem evidentes e demonstram uma necessidade de maiores dados atualizados, pois as soluções não podem ser generalizadas em relação ao ser humano, devendo-se ter o cuidado de observar as particularidades individuais.**

## 1. INTRODUÇÃO

O problema da velhice ainda é pouco representativo em face de vários outros problemas considerados prioritários, mas tende rapidamente a manifestar-se de forma aguda na política social de nosso país. Por outro lado, a negação do envelhecimento pelas pessoas e a pouca conscientização da relevância de seus problemas, contribuem para o pouco interesse no que tange ao grupo minoritário de velhos, que não têm capacidade nem oportunidade de manifestar-se e exprimir suas necessidades.

Parece haver um consenso geral de que a qualidade de vida das pessoas de idade avançada deve ser melhorada através de programas que enfoquem a valorização do idoso, a sua manutenção e assistência geral (social, à saúde, institucional, educacional) por pessoal especializado, necessitando, para tanto, de atuação de equipe multidisciplinar.

Alguns autores chamam a atenção para a responsabilidade governamental, da comunidade e do próprio velho na busca de medidas para a solução de problemas, visando o bem-estar e a satisfação das necessidades básicas na vida avançada.

No Brasil, a problemática dos idosos não pode ser generalizada, pois apresenta inúmeras singularidades, considerando-se a sua amplitude demográfica. Por outro lado, os contrastes culturais, a distribuição populacional e a diversificação da economia contribuem para as diferenças entre uma região e outra.

Fernandes refere que têm aumentado os estudos sobre os aspectos sociais referentes às pessoas de mais idade, mas que há ainda carência de número suficiente e variado de obras sobre o assunto.

A Constituição Brasileira faz alusão a todas as faixas etárias, excluindo o velho. Filizzola comenta a respeito, salientando que esta desconsideração pelo velho indica que a velhice não constitui dever dos Poderes Públicos

nem de ninguém. A desconsideração pelo velho é de tal ordem que ele sequer é chamado a manifestar sua opinião, quanto aos problemas referentes ao seu grupo etário.

Observa-se que existem poucos dados que indiquem as necessidades sentidas pelos idosos. Os problemas são identificados por pessoas de outras faixas etárias que não a dos idosos, que preocupadas, buscam medidas para minimizar os problemas.

A escassa literatura sobre a velhice e o envelhecimento, bem como a insuficiência de pesquisas e dados estatísticos sobre a população de idosos parecem evidentes e demonstram a necessidade de maiores dados, atualizados e de diversas culturas, pois as soluções não podem ser generalizadas em relação ao ser humano, devendo-se ter o cuidado de observar as particularidades individuais.

Fernandes salienta que as pessoas de idade avançada são desestimuladas a participar do processo de desenvolvimento, bem como do processo de decisão.

A utilização do grupo de idosos como membros ativos na sociedade, independentemente de estarem trabalhando ou não, visa, sobretudo, à sua participação intelectual e à sua contribuição, como grupo etário, no encaminhamento de questões de ordem individual e da sociedade.

## 2. OBJETIVOS DO ESTUDO

- Verificar a opinião de um grupo de idosos de diferentes classes sociais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, acerca da velhice;

- Avaliar as relações entre classes sociais do idoso investigado e sua opinião acerca da velhice.

## 3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo, com características descritivas que visa a verificar a opinião de um grupo de idosos de diferentes classes sociais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, acerca da velhice, na perspectiva de sujeitos de diferentes classes sociais.

### 3.1 Sujeitos

O estudo foi realizado em três bairros de Porto Alegre, representando diferentes classes sociais e abrangendo um total de doze (12) idosos a partir de 65 anos de idade, sendo dois idosos do sexo masculino e dois do sexo feminino, por classe.

Os bairros foram classificados segundo dados sócio-econômicos fornecidos pela Unidade de Estudos Sócio-Econômicos da Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, RS.

### 3.2 Instrumento e coleta de dados

Optou-se pela utilização de uma entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados.

A escolha deste tipo de instrumento deveu-se às características da clientela a ser estudada, ou seja, pessoas acima de sessenta e cinco anos de idade com vários níveis de escolaridade, deficiências visuais, sensorio-motoras e outras. As entrevistas foram gravadas e o tempo de duração foi variável.

### 3.3 Tratamento de dados

Utilizaram-se frequências e percentagens na descrição da amostra investigada e análise de conteúdo com frequências para descrever a opinião dos idosos em relação à velhice.

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Caracterização da amostra

Os idosos entrevistados enquadraram-se na faixa etária de 65 a 84 anos de idade, sendo que, na classe mais favorecida, as idades variaram de 67 a 82 anos; na classe intermediária, de 66 a 84 anos, e na classe menos favorecida, de 67 a 81 anos.

Quanto ao estado civil do total de idosos entrevistados, sete (7) eram casados, três (3) viúvos e dois (2) solteiros, verificando-se na classe baixa mais casos de viuvez do que nas demais classes.

Observou-se que a prole gerada (filhos, netos e bisnetos) por idosos da classe baixa foi mais do que o dobro (55) da gerada pelos idosos da classe alta.

A origem étnica predominante dos idosos entrevistados foi a brasileira.

A grande maioria dos idosos entrevistados tinham o catolicismo como religião de origem.

Uma análise da resposta dos idosos quanto à religião professada atualmente mostrou que 42% deles modificaram sua forma de expressão religiosa. Destes, um destacou que não estava seguindo nenhuma religião e todos os demais seguiam, na ocasião, a religião espírita.

No que diz respeito à escolaridade, a maior parte (10) dos idosos da amostra analisada tiveram acesso à educação formal, sendo que os outros (dois idosos da classe baixa) aprenderam a ler e a escrever através do MOBRRAL ou sem freqüentar a escola. Outro aspecto a destacar é que o grau máximo de escolaridade atingido pela metade destes idosos foi o segundo grau completo.

Somente na classe alta verificou-se um idoso com terceiro grau completo. Os homens apresentaram maior grau de escolaridade do que as mulheres.

Deve-se destacar ainda que três (3) idosos não desenvolviam atividades remuneradas, declarando, como profissão, atividade do lar.

Do total de idosos, oito (8) foram apontados sem outra atividade profissional.

Nenhuma idosa com atividade no lar tinha aposentadoria e apenas um idoso da classe menos favorecida, não aposentado, exercia ainda a mesma atividade profissional.

Em relação à variável moradia, observou-se que mais da metade (7) dos idosos entrevistados não tinha habitação própria. Destes, dois (2) viviam em casa alugada, três (3) em casas cedi-

***A assistência social institucional é aquela provida por entidades sociais, públicas ou privadas que abrigam idosos em regime de internação. Essas entidades, em geral, prestam assistência à saúde em seus diversos níveis (preventiva, curativa, de reabilitação) e assistência psicossocial e espiritual.***

das e dois (2) em casas construídas em terrenos de outrem, com a sua autorização.

Apenas um idoso da classe menos favorecida residia em casa; os demais (3) em apartamentos, todos amplos. Verificou-se que na classe alta todos possuíam casa própria, sendo que dois (2) idosos residiam com os respectivos cônjuges, uma idosa residia com a filha solteira e outra morava sozinha, tendo por companhia a empregada. Os demais também tinham empregada doméstica.

Na classe média, todos os idosos (4) residiam em apartamentos, dois (2) pagavam aluguel, uma idosa morava em apartamento cedido por parentes e apenas um idoso morava em apartamento próprio. Destes, dois (2) moravam com a irmã.

Na classe baixa, todos residiam em casas modestas; dois (2) em terreno cedido, convivendo com filhos e netos e em casa própria; uma idosa, morando com parentes, referiu possuir uma casa na qual residia, quando casada, e outra idosa residia só, em uma casinha localizada no mesmo terreno pertencente a seu filho, o qual tinha casa própria.

Quanto à renda, foram considerados a renda mensal e outros rendimentos, se houvesse, com os quais o idoso pudesse contar regularmente.

Além das discrepâncias nos rendimentos, em função da classe social do idoso, é de se salientar a importância do trabalho feminino como fonte de renda familiar da classe média.

Outro aspecto a destacar é o rendimento dos idosos da classe baixa, que não atingia sequer, para os homens, a um salário mínimo, e, para uma das mulheres, a menos de meio salário mínimo.

#### **4.2 A velhice segundo a opinião de idosos de Porto Alegre, RS, de diferentes classes sociais**

Foram investigadas algumas questões sobre o que o idoso pensa sobre a velhice e quais suas opiniões a respeito,

bem como sobre a necessidade de uma assistência específica ao idoso.

Para a análise das respostas dos entrevistados sobre “a necessidade de algum tipo de assistência específica para idosos”, levantaram-se três categorias: social, familiar e individual. Considerou-se a assistência social sob o aspecto da saúde física, mental e da assistência espiritual do indivíduo prestada à comunidade idosa.

A assistência familiar caracterizou-se pelo atendimento dado pela família ao indivíduo em seus aspectos de sustento e apoio. A assistência individual caracterizou-se pela posição que o próprio indivíduo assume, no sentido de responsabilizar-se na providência de meios para ajustar-se ao seu processo de envelhecimento de forma satisfatória.

A assistência social, por sua vez, pode ser de dois tipos: institucional e comunitária.

A assistência social institucional é aquela provida por entidades sociais, públicas ou privadas que abrigam idosos em regime de internação. Essas entidades, em geral, prestam assistência à saúde em seus diversos níveis (preventiva, curativa, de reabilitação) e assistência psicossocial e espiritual.

A assistência social comunitária é realizada por entidades públicas ou privadas que oferecem atividades diversas a idosos sob regime de externato.

A maior incidência de respostas situou-se na área social (Tabela 1), onde os idosos, em geral, por falta de conhecimento e por realmente não existirem muitas alternativas na nossa realidade, apontaram as instituições como forma para atender suas necessidades.

Entretanto, ficou evidenciado que para eles esta é uma alternativa válida, tanto para os idosos carentes, para os que não possuem família como para aqueles que não tenham condições de convívio e sejam dependentes.

*...onde os idosos, em geral, por falta de conhecimento e por, realmente, não existirem muitas alternativas na nossa realidade, apontaram as instituições como forma para atender suas necessidades.*

Os idosos salientaram a necessidade de haver nessas instituições atividades variadas em termos de lazer e recreação.

A atenção à saúde e à assistência quanto aos cuidados de higiene e nutrição também foram considerados importantes, e duas pessoas foram de opinião que a pessoa que fornece o atendimento deveria ser interessada e estar disponível, sempre que necessário.

Foi apontado, ainda, o aspecto do idoso abandonado que se sente solitário e que, nesse sentido, deveria haver apoio emocional, através de atenção e carinho.

O aspecto do lazer também foi muito apontado para os idosos que convivem na comunidade (Tabela 1).

Segundo a opinião dos entrevistados, os idosos participavam de atividades na comunidade, através de reuniões entre velhos onde pudessem conversar e jogar.

Um senhor chegou a mencionar o termo “centro de convivência”, onde o idoso pudesse se “amparar” e lá desfrutar de atividades como música, pintura etc.; e outro foi de opinião que deveria existir mais centros de recreação e convívio. Uma senhora sugeriu que a própria igreja se encarregasse dessas atividades, promovendo reuniões e chás. Lembrou que sua paróquia desenvolvia algumas atividades não específicas para idosos, mas segundo ela, a frequência era maior entre os idosos, pois os jovens têm outras ocupações.

**Tabela 1**  
**Tipo de assistência específica para velhos, indicado por idosos de diferentes classes sociais de Porto Alegre/RS**

Classe social	Social							Familiar	Individual
	Institucional			Comunitária					
	Saúde	Lazer	Psicol.	Saúde	Lazer	Relig.			
A	-	x <sup>1</sup>	x <sup>1</sup>	-	-	-	-	-	
	-	-	-	-	x <sup>2</sup>	x <sup>2</sup>	x <sup>1</sup>	-	
	-	x <sup>2</sup>	-	-	-	-	-	x <sup>1</sup>	
	-	x <sup>1</sup>	-	-	x <sup>2</sup>	-	-	-	
Sub	-	3	1	-	2	1	1	1	
B	x <sup>1</sup>	-	x <sup>1</sup>	-	-	-	-	-	
	-	x <sup>1</sup>	-	-	-	-	x <sup>2</sup>	-	
	x <sup>1</sup>	-	-	-	-	-	x <sup>2</sup>	-	
	-	x <sup>1</sup>	-	-	x <sup>2</sup>	-	-	-	
Sub	2	2	1	-	1	-	2	-	
C	-	x <sup>2</sup>	-	-	x <sup>3</sup>	-	x <sup>1</sup>	-	
	-	-	-	-	x <sup>1</sup>	-	-	-	
	-	-	-	x <sup>1</sup>	-	-	-	-	
	x <sup>2</sup>	-	-	-	-	-	x <sup>1</sup>	-	
Sub	1	1	-	1	2	-	2	-	
Total	3	6	2	1	5	1	5	1	

*Nota: Os números indicam as opções por ordem de prioridades. Casos em que o mesmo número aparece, indicam idêntica ordem de preferência.*



Houve apenas uma referência quanto à assistência à saúde do idoso na comunidade, através de serviços mais acessíveis e com bom atendimento.

A família foi considerada por alguns como a maior responsável pela assistência aos velhos. Embora não tenha sido respondida por todos os idosos, ficou implícito, na maioria das respostas, que o apoio familiar é imprescindível, pois quase todos colocaram as demais opções no caso de idosos solitários, sem recursos ou sem família.

Apenas um idoso da classe mais favorecida achou que a assistência não seria necessária, se o velho tomasse a iniciativa de prover e buscar, ele próprio, atividades que o mantivessem ocupado e interessado. Entretanto, segundo ele, para os que não tivessem a capacidade de se interessar por mais nada, ou por falta de condições, recursos, ou sem família, a solução seriam as instituições.

A classe intermediária foi a mais expressiva, quanto à indicação da assistência institucional, com maior enfoque no lazer e na saúde, como forma de atendimento ao idoso.

A classe mais favorecida indicou mais a necessidade de uma assistência social, tanto institucional quanto comunitária, dando, entretanto, uma idéia muito clara de que esta assistência deveria ser fornecida aos carentes.

Já na classe menos favorecida, a tendência maior foi para as atividades comunitárias e junto à família, o que também se explica, devido ao fato de estarem todos convivendo juntos (filhos, netos, avós) ou muito próximos da família. A convivência em grupo é mais freqüente nesta classe.

Ssenkoloto (16) afirma que a família ainda é a unidade essencial e esta possibilita a retificação das atitudes negativas com relação aos velhos, principalmente no que tange à atenção e apoio aos mais velhos através da educação dos elementos mais jovens.

Viedma (18) é de opinião que a família e a comunidade devem apoiar-se reciprocamente no cuidado aos velhos, e Chamuzeau (4) concorda com a idéia de que a família tem o dever de assumir a responsabilidade pelos seus idosos, mas deve ser auxiliada pela sociedade no desempenho dessa missão, através de serviços de orientação e aconselhamento familiar para idosos, na prestação de serviços referentes aos cuidados pessoais e domiciliares, dietéticos e de enfermagem, serviços que ofereçam atividades sociais, como grupos de convivência, atividades culturais, de lazer etc.

Quando a institucionalização se faz necessária, a instituição e a família deverão trabalhar em ligação íntima para que uma e outra sejam intermediárias num processo de terapêutica social.

A visão assistencialista ao idoso, em geral, restringe-se à idéia de um local que forneça cuidados materiais, ou seja, alimentação, medicamentos, com muito pouca atenção ao aspecto psicossocial e psicoespiritual.

As respostas quanto ao “pensamento sobre a velhice” foram categorizadas, segundo o enfoque dado, em aspecto biológico, aspecto social e aspecto psicológico. Algumas respostas caracterizam-se por mais de um aspecto, mas no total o aspecto social recebeu sete respostas, seguido pelo aspecto psicológico, com seis respostas, e o aspecto biológico, com cinco respostas (Tabela 2).

Na classe mais favorecida a predominância de respostas foi para o as-

pecto psicológico, sendo que duas respostas foram simultâneas com o aspecto social. Não houve menção ao aspecto biológico. Este foi mais expressivo na classe intermediária, que apresentou três respostas, sendo que uma mostrou também enfoque social e outra, um enfoque psicológico.

Na classe menos favorecida predominou o aspecto social, mas com duas opções simultâneas para o aspecto biológico. O aspecto psicológico só obteve uma resposta.

No aspecto biológico foram tomadas como pontos de referência para a sua categorização as conotações de declínio, principalmente funcional, saúde-doença e a conotação evolutiva. No aspecto social levaram-se em conside-

**Tabela 2**  
**Pensamento sobre a velhice e opinião sobre considerar-se velho e seus motivos, segundo idosos de diferentes classes sociais de Porto Alegre**

Classe social	Velhice			Considerar-se Velho			Motivo					
	Aspectos Biológ.	Social	Psicol.	Total	Sim	Não	Total	Pela Idade	Pelo Espírito	Pelas Limitações	Sem Respostas	Total
A	-	-	x	1	-	x	1	-	x	-	-	1
	-	x	x	2	-	x	1	-	-	-	x	1
	-	-	x	1	x	-	1	x	-	-	-	1
	-	x	x	2	-	x	1	-	x	-	-	1
Subtotal	-	2	4	6	1	3	4	1	1	1	1	4
B	x	-	-	1	x	-	1	x	-	-	-	1
	-	x	-	1	-	x	1	-	x	-	-	1
	x	x	-	2	x	-	1	-	-	x	-	1
	x	-	x	2	-	x	1	-	x	-	-	1
Subtotal	3	2	1	6	2	2	4	1	2	1	-	4
C	x	x	-	2	x	-	1	x	-	-	-	1
	x	x	-	2	x	-	1	-	-	x	-	1
	-	x	-	1	x	-	1	-	x	x	-	2
	-	-	x	1	-	x	1	-	x	-	-	1
Subtotal	2	3	1	6	3	1	4	1	2	2	-	5
TOTAL	5	7	6	18	6	6	12	3	5	4	1	13

\* O total não corresponde a doze porque alguns idosos apontaram mais de um aspecto em relação à velhice, bem como apontaram mais de um motivo responsável por considerarem-se velhos.

*Poucos consideraram a velhice de forma otimista e, em geral, foi sujeita a adaptações, tais como saúde, ter família, respeito, afeto, afetividade e interesses. Nesse sentido, percebe-se a implicação dos fatores sociais e a interferência destes e dos aspectos biológicos, afetando os aspectos emocionais.*

ração as referências às perdas em termos de oportunidades, as perdas em relação ao vigor, à família. Outro ponto considerado foi o de adaptação à situação sob o prisma religioso e cultural, ou seja, a velhice como uma etapa ruim, de sofrimento necessário, da vontade de Deus.

Quanto ao aspecto psicológico, este foi encarado sob o ponto de vista de experiência de interesses e muito relacionado à personalidade.

A idéia de que a velhice é um estado de espírito e um processo contínuo de auto-realização, dado por Kastembaum (10), foi colocado por alguns idosos, com as seguintes expressões: “espírito jovem não envelhece”, “a felicidade do velho deve partir de dentro para fora”, “depende de cada um”, “depende da filosofia de cada um”, “é uma idade bonita quando se sabe situar dentro dela”, “a velhice possui a escola do mundo”, “a vida ensina”.

A idéia de declínio funcional dado por Pikunas (14) que caracteriza o envelhecimento primário e das disfunções resultantes de traumas e doenças que caracterizam o envelhecimento secundário, também foram evidenciados por alguns idosos. O aspecto das limitações físicas e temporais foi manifestado através de respostas como “a velhice traz desânimo, pois o corpo não funciona direito”, “as dificuldades aumentam”. A saúde foi muito valorizada, pois segundo alguns, para quem tem saúde, a vida é boa e a velhice torna-se mais suave.

Para um senhor com várias limitações, a velhice “é um final triste, envelhece-se com pesar... a gente vai se recolhendo ao túmulo”. Outra opinião foi de que mesmo bem estruturado psicologicamente, “é uma fase um tanto triste, pois há a percepção de que a vida está se extinguindo e de que não proporciona mais muitas coisas como no passado e isto traz saudades. É uma contagem regressiva”.

Em geral as respostas manifestaram pesar, tristeza, saudosismo e mui-

ta resignação e conformismo, principalmente por parte dos idosos da classe menos favorecida, e foram exemplificadas pelas seguintes respostas: “é a lei da vida, é uma evolução natural e a gente deve se conformar e admitir a velhice”, “deve-se aceitar a velhice, pois é a vontade de Deus. O que tem que se passar, passa”. “Deve-se adaptar à velhice e suportar o que vem”.

Poucos consideraram a velhice de forma otimista e em geral foi sujeita a condicionamentos, tais como saúde, ter família, respeito, afeto, afetividade e interesses. Nesse sentido, percebe-se a implicação dos fatores sociais e a interferência destes e dos aspectos biológicos, afetando os aspectos emocionais.

Com referência ao item, “considera-se velho”, seis respostas foram afirmativas e seis respostas negativas. Os idosos de classe mais favorecida apresentaram maior número de respostas negativas, ou seja, não se consideravam velhos. Na classe intermediária, duas respostas afirmativas e duas negativas e na classe menos favorecida, a maioria considerou-se velho (Tabela 2).

Os motivos apontados foram: pela idade, pelo espírito e pelas limitações. O maior número de respostas (5) foi em relação ao espírito; entretanto, cabe ressaltar que quatro dessas respostas foram relatadas como motivo de não se considerarem velhos, pois consideravam-se jovens espiritualmente. Portanto, julgavam como motivos de considerar-se velhos, as limitações (4) e a própria idade (3).

Dois idosos, um da classe favorecida e uma da classe menos favorecida, consideravam-se velhos pela idade, mas frisaram, não pela coragem e capacidades físicas e mentais. Uma senhora de classe intermediária respondeu que a idade lhe tirou “a força, a coragem e a paciência”.

Os que não se consideravam velhos, em sua maioria se justificavam pelo espírito jovem e pelo seu pensamento otimista sobre a vida. Um idoso

respondeu considerar-se velho pelas limitações apresentadas, mas sentia-se jovem espiritualmente. As outras respostas atribuídas às limitações foram expressas por uma senhora que dizia “não poder fazer o que fazia antes” e um senhor referiu que “após os 75 anos, comecei a apresentar muitas deficiências; antes era moço”.

Kastembaum (10) comenta que é comum as pessoas reconhecerem-se mais velhas em certo sentido e mais jovens em outro. Esta idéia é apoiada por Salgado, (15) ao referir-se à relatividade do que seja envelhecer, já que os indivíduos se vêem fisicamente envelhecidos, mas mental e emocionalmente sentem-se acrescidos.

O item “problemas enfrentados em função da idade” apresentou-se sob o aspecto físico, social e espiritual

(Tabela 3). A classe mais favorecida apresentou problemas nas três áreas. Na área física, o problema da locomoção foi mencionado. Entretanto, este não surgiu em decorrência da idade, e sim devido a um acidente. Um idoso referiu que observava uma modificação no tratamento e percebia que era solicitado como uma “pessoa de mais idade”, o que denota a atitude da sociedade ao discriminar os mais velhos. A resposta categorizada no plano espiritual foi referida pela idéia de futuro e a impossibilidade de prever até quando poderá planejar suas atividades.

Um idoso admitiu que “existe um declínio com a idade e não se fazem as coisas como quando se era jovem”. Entretanto, até o momento a idade não impediu de realizar suas atividades, como negócios, esportes, contatos sociais e acrescentou: “ainda sou eu”.

**Tabela 3**  
**Problemas enfrentados em função da idade, pelos idosos de Porto Alegre/RS, de diferentes classe sociais.**

Problemas					
Classe Social	Físicos	Sociais	Espirituais	Nenhum	Total
A	-	-	x	-	1
	x	-	-	-	1
	-	-	-	x	1
	-	x	-	-	1
Subtotal	1	1	1	1	4
B	x	-	-	-	1
	-	x	-	-	1
	x	-	-	-	1
	-	x	-	-	1
Subtotal	2	2	-	-	4
C	-	x	-	-	1
	x	x	-	-	2
	-	x	-	-	1
	-	-	-	x	1
Subtotal	1	3	-	1	4
Total	4	6	1	2	13*

\* O total não corresponde a doze devido a um idoso apontar mais de um problema.

Na classe intermediária as respostas ficaram igualmente no plano físico e social. No aspecto físico foram referidas as limitações para caminhar e as dificuldades auditivas e visuais, bem como as dificuldades de enfrentar o trânsito, pegar condução e atravessar ruas. Essas dificuldades fundem-se com os problemas ambientais relacionados ao medo de andar nas ruas, devido ao tráfego intenso, ao problema dos assaltos e outros, e foram inseridos no aspecto social.

No plano físico, um problema quanto à locomoção. Os demais, com exceção de um idoso que referiu não apresentar problemas, classificaram-se na área social, conforme já foi mencionado. Outra resposta foi quanto ao contato com os jovens que, segundo um

idoso, é mais difícil, pois percebe que não gostam da companhia dos velhos.

Já foi referido anteriormente que o idoso se sente inseguro e temeroso com as mudanças da vida moderna e suas deficiências não lhe permitem uma adaptação rápida e, segundo alguns autores, o idoso prefere o afastamento.

Kastebaum (10) diz que o velho, ao perceber suas limitações, deve estabelecer novos limites, não em forma de desligamento e sim fazendo adaptações realistas, substituindo-as por possibilidades restantes.

As “sugestões para a solução dos problemas relacionados à velhice” apontados pelos idosos referiram-se predominantemente ao próprio indivíduo e à sociedade (Tabela 4).

**As sugestões foram de manter sua atividade social, intelectual e de lazer, com fé e interesse pelas coisas. Viver intensamente todas as formas de vida para desfrutar depois a velhice, consolidando experiências e preparar-se para a mesma e para a aposentadoria.**

**Tabela 4**  
**Sugestões para a solução dos problemas relacionados à velhice, indicados por idosos de Porto Alegre/RS de diferentes classes sociais**

Classe Social	À Sociedade	Ao Indivíduo	À Família	Sem Sugestão	Total
A	x	x	x	-	3
	-	x	-	-	1
	-	x	-	-	1
	x	x	-	-	2
Subtotal	2	4	1	-	7
B	x	-	x	-	2
	x	-	-	-	1
	x	x	-	-	2
	x	-	-	-	1
Subtotal	4	1	1	-	6
C	-	x	-	-	1
	-	-	-	x	1
	-	x	-	-	1
	-	x	-	-	1
Subtotal	-	3	-	1	4
Total	6	8	2	1	17*

\* O total não corresponde a doze porque alguns idosos apontaram mais de uma sugestão.

Verificou-se que na classe mais favorecida houve maior indicação de sugestões que dependiam do indivíduo, sendo que uma resposta de forma ampla abrangeu o indivíduo, a família e a sociedade, e outra resposta englobou a sociedade e o indivíduo.

Em relação à sociedade, foram sugeridas a assistência à saúde em qualidade e quantidade, casas adequadas, abrangendo a área social e emocional, e uma sugestão para manter a tentativa que já estão fazendo no sentido de respeitar e considerar o velho, valorizando-o como ser útil.

Do ponto de vista do próprio idoso, as sugestões foram de manter sua atividade social, intelectual e de lazer, com fé e interesse pelas coisas. Viver intensamente todas as formas de vida para desfrutar depois a velhice, consolidando as experiências e preparar-se psicologicamente para a mesma e para a aposentadoria. Em relação à família, houve uma sugestão para a manutenção do idoso junto a esta. Foi feita também uma menção no sentido de assegurar o equilíbrio material e espiritual em anos anteriores.

Na classe intermediária, predominaram as sugestões em relação à sociedade, com uma resposta englobando o indivíduo e outra englobando a família.

No que tange à sociedade, foram sugeridas maior atenção e consideração com os velhos, não os segregando. Além disso foram mencionados: formar hábitos, ensinando já na escola que o ser humano tem suas possibilidades e limitações, e que há necessidade de se ter paciência com os mais velhos, de forma a favorecer o contato entre jovens e velhos; locais adequados para abrigar e auxiliar os velhos, respeitando a maneira de ser de cada um. Por parte do próprio idoso, a sugestão foi a de conduzir o espírito da melhor forma possível, com força e boa vontade. Houve uma sugestão para o idoso prestar assistência voluntária aos necessitados. Em relação à família, a sugestão foi a de convivência com a mesma, mas com a ressalva de se evitar a dependência.

Na classe menos favorecida, uma idosa não apresentou sugestões e as demais respostas foram em relação ao próprio indivíduo, com sugestão para que o idoso não parasse de trabalhar e permanecesse continuamente ativo, desenvolvendo hábitos sadios e de confiança em si mesmo, através de contatos com a família e a sociedade.

Revela-se, frente às respostas, a conscientização do idoso quanto à parte que lhe cabe em obter melhores condições e satisfação na velhice e que há necessidade de atuação da sociedade em contribuir para despertar esta consciência.

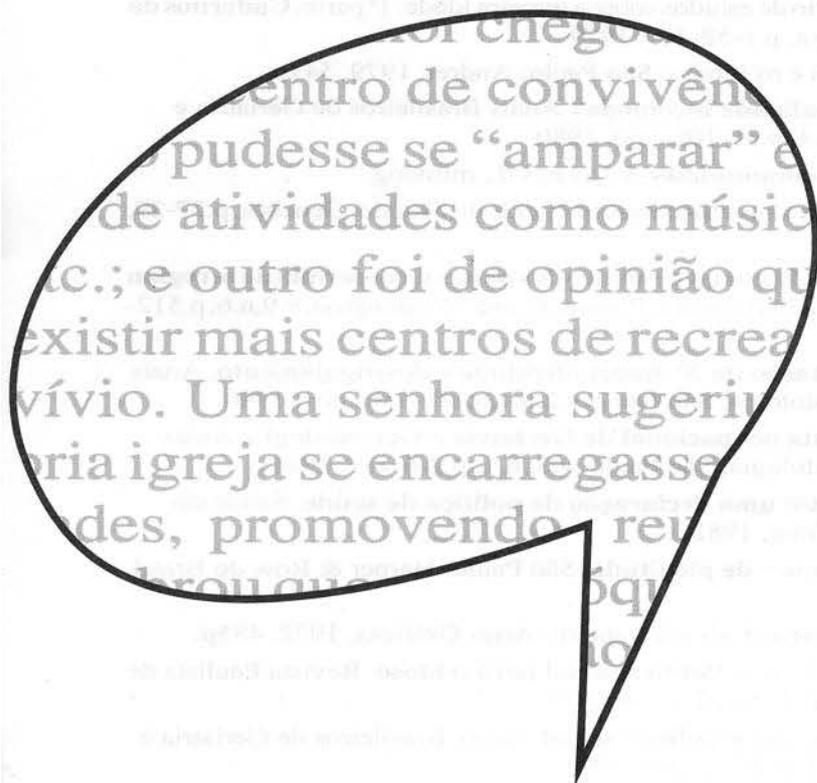
As sugestões apresentadas coincidiram com várias proposições já feitas, no sentido de manter a convivência familiar, a atividade, a participação do idoso, a manutenção de interesses bem como o incentivo, o sentido de valorizar o idoso e proporcionar auxílio através de programas de atendimento às necessidades físicas, emocionais e sociais do idoso, medidas preventivas para uma velhice sadia, preparo para a aposentadoria e serviços adequados.

Na classe mais favorecida observou-se uma idéia mais individualista em relação à velhice, no sentido de usar seus próprios recursos pessoais, tornando a velhice agradável, preparando-se material e espiritualmente para a mesma. Em geral, não se consideraram velhos e pareciam estar envelhecendo bem, pois dispunham de maiores oportunidades em termos de conhecimentos quanto à forma de se manterem em boas condições. Além disso, dispunham de maiores recursos materiais. Quanto à assistência aos idosos, sugeriram medidas aos carentes. Eles próprios tendiam a conservar-se como estão e desfrutar de forma otimista os anos que lhes restam.

A classe intermediária denotou maior preocupação com o plano biológico. A fase da velhice como uma fase de limitações que impede a continuidade de suas funções, principalmente em relação ao trabalho. Os idosos pareciam encarar a institucionalização como uma possibilidade, embora a tendência fosse também para abrigar os mais necessitados.

***Na classe mais favorecida observou-se uma idéia mais individualista em relação à velhice, no sentido de usar seus próprios recursos pessoais, tornando a velhice agradável, preparando-se material e espiritualmente para a mesma.***





Houve uma maior preocupação em assegurar uma boa velhice com menor discriminação. Os problemas enfrentados pelos velhos foram com respeito às dificuldades encontradas para o trabalho, para pegar condução, para andar etc.

Todas essas dificuldades também foram verificadas na classe menos favorecida. Os idosos dessa classe viam a velhice também como limitação ao trabalho, mas esperavam manter-se ativos e confiantes. Observou-se o sentimento de grupo nesta classe, onde a família convivia junto e as atividades eram mais comunitárias. O sentimento de conformismo foi muito evidente: as coisas aconteciam porque “devem ser assim” e deve-se aceitá-las.

### **5. Conclusões**

O estudo possibilitou chegar às seguintes conclusões:

- os idosos, em geral, independente de classe social, foram de opinião que deve haver assistência social aos

velhos na área institucional para os carentes, sem família e com limitações físicas e/ou mentais;

- os idosos indicaram como sumamente importantes as atividades de lazer para os velhos institucionalizados. A atenção à saúde foi sugerida com maior frequência entre a classe intermediária e a classe menos favorecida;

- a atenção ao lazer foi também considerada prioritária na assistência social comunitária aos velhos;

- a assistência familiar aos idosos foi considerada de importância fundamental, principalmente pelos idosos das classes intermediárias e menos favorecidas;

- o fator que mais influencia a velhice, segundo os idosos, é o aspecto social, seguindo-se o aspecto psicológico (mais evidenciado pela classe mais privilegiada) e, por último, o aspecto biológico;

- os idosos da classe menos favorecida em geral consideravam-se velhos; ao contrário, os idosos da classe privilegiada referiram ainda não se sentirem velhos;

- as limitações percebidas pelos velhos e a própria idade foram indicadas como os principais motivos para se considerarem velhos;

- em geral, os idosos que não se consideravam velhos, relacionaram este fato à forma de encarar a vida, ou seja, de forma otimista e jovial;

- aspectos referentes à área social foram considerados como responsáveis pelos problemas enfrentados pelos velhos e, em segundo lugar, os problemas físicos;

- os idosos, particularmente os da classe mais favorecida, consideraram que o próprio indivíduo deve responsabilizar-se pelo seu bem-estar na velhice, preparando-se psicologicamente para a mesma;

- os idosos de classe média foram de opinião que cabe à sociedade tomar medidas para melhorar as condições dos velhos;

- em geral, os idosos desejavam ser respeitados e valorizados e mostraram que a atividade é salutar para uma velhice satisfatória.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ATTIAS-DONFUT, C. Seminário de estudos sobre a terceira idade. 1ª parte. **Cadernos da Terceira Idade**, São Paulo, n.3-a, p.1-52, fev. 1979.
2. BURNSIDE, I. M. *Enfermagem e os idosos*. São Paulo: Andrei, 1979. 547p.
3. CANÇADO, F. X. **Velhice é realidade incômoda?** Anais Brasileiros de Geriatria e Gerontologia, São Paulo, v.2, n.3, p.98-106, ago. 1980.
4. CHAMUZEAU, J. **O idoso e a comunidade**. S.1: s.n.,s.d., mimeog.
5. CHEBOTAREV, D. **A biologia do envelhecimento**. Saúde do Mundo, Genebra, p.27-29, maio 1982.
6. EHRlich JR., P. S., LITVAK, J. **El envejecimiento y los países en desarrollo de la region de las Americas**. Boletín de la oficina sanitária Panamericana. Washington, v.9,n.6, p.512-519, dic. 1981.
7. FERNANDES, F. DA S. **Adaptação da 3ª idade: atividade e desengajamento**. Anais Brasileiros de Geriatria e Gerontologia, São Paulo, v.2, n.4, p.147-150, nov. 1980.
8. FERRARI, M. A. C. **O terapeuta ocupacional de Geriatria e Gerontologia**. Anais Brasileiros de Geriatria e Gerontologia, São Paulo, v.3, n.1, p.2-6, fev. 1981.
9. KAPRIO, L. A. **Envelhecimento: uma declaração de política de saúde**. Saúde do Mundo, Genebra, p.20-21, fev./mar. 1982.
10. KASTEMBAUM, R. **Velhice: anos de plenitude**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981. 128p.
11. FILIZZOLA, M. **A velhice no Brasil**. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1972. 485p.
12. NASCIMENTO E SILVA, L. G. et al. **Política social para o idoso**. Revista Paulista de Hospitais, São Paulo, v.26,n.5, p.229-232, maio 1978.
13. — . **Os centros de gerontologia numa política social**. Anais Brasileiros de Geriatria e Gerontologia, São Paulo, v.3,n.1, p.29-32, fev. 1981.
14. PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano: uma ciência emergente**. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1975. 494p.
15. SALGADO, M. A. **Velhice, uma nova questão social**. São Paulo: SESC/CETI, 1980. 124p.
16. SSENKOLOTO, G. M. **O apoio familiar aos velhos**. Saúde do Mundo, Genebra, p.17-19, abr. 1979.
17. VAN DALEN, D. B. W., Meyer, W. J. **Manual de técnicas de la investigacion educacional**. Buenos Aires: Paidós, 1978. 542p.
18. VIEDMA, C. **Um desafio mundial**. Saúde do Mundo, Genebra, p.20-23, abr. 1979.



# **O esforço individual para envelhecer bem**

**Em depoimento franco e sensível a psicóloga  
Raquel Vieira da Cunha expõe a suttilidade  
do envelhecimento saudável  
e mostra como enfrentá-lo  
de modo consciente e relevante.**

**N**ão sei se posso falar de esforço, prefiro usar a palavra atitude, ainda que às vezes haja um esforço para encontrar as atitudes que melhor se direcionem para a vivência do processo de envelhecimento de uma forma criativa. Obviamente, a atitude apenas não é suficiente.

São necessárias, sem dúvida, condições mínimas para envelhecer bem: saúde física e mental mais ou menos boa, certa segurança material e o conforto de um lar com o qual esteja familiarizado e que lhe inspire tranqüilidade.

Quanto às atitudes, considero duas fundamentais:

a) enfrentar o envelhecimento de um modo consciente, procurando sentir e perceber o que é válido e relevante na atualidade de cada dia, isto é, aprender a desistir e, ao mesmo tempo, ter a coragem de se engajar em atividades que, em outras épocas, possivelmente seriam desdenhadas. Por exemplo, desistir de dar cursos e me permitir ver televisão. Gostar de testar limites, sabendo que sempre há um espaço dentro de si que é vida.

b) a segunda atitude fundamental é consequência da primeira: é o esforço de livrar-se, na medida do possível, dos preconceitos que grassam em nossa sociedade a respeito do envelhecimento e da velhice.

No meu processo de envelhecimento - e hoje já faço parte da geração dos velhos-velhos - sempre levei em consideração minhas próprias vivências, ao invés de me conduzir pelas expectativas, em grande parte negativas, das orientações do sistema.

Fisicamente, neste período começam a se manifestar modificações que, de um modo subliminar, vêm se processando há muito tempo, mas que ago-

ra se tornam evidentes. Essas modificações atuam em todas as esferas do organismo: no físico, no psicológico e mental, no vivencial, no social, no emocional e no espiritual. Tenho às vezes a sensação de estar em outro corpo, cujas limitações e possibilidades vivo explorando.

No plano físico, sinto-me menos resistente, canso-me facilmente, ando bastante devagar e qualquer esforço maior faz com que meu coração desapare. Por enquanto, mantenho ainda uma certa flexibilidade. Sei que devo cuidar melhor do meu corpo, fumar e comer menos, fazer ginástica e natação, mas esses são ainda meros projetos.

Minha visão é bem mais fraca, não enxergo bem no escuro e evito guiar à noite. A audição também diminuiu, o que tem uma influência direta na minha participação em reuniões, especialmente quando há conversas paralelas.

No plano psicológico, preciso fazer um esforço para continuar atenta e concentrada. Quando percebo que divago, lendo páginas e páginas sem saber do que, volto atrás e, agora sim, leio com atenção. Às vezes me falha a memória. Não recordo uma palavra e fico matutando até encontrá-la.

Sei que pessoas mais jovens também encontram bloqueios em recordar um conceito ou um nome qualquer, mas não ficam tão perturbadas. Ainda reajo bastante rapidamente e capto facilmente o que me interessa, mas me permito desligar quando o assunto não cativa a minha curiosidade.

Outro dia, por exemplo, estava participando de um curso, mas não conseguia ouvir a voz do professor e entender o assunto. Fiquei tensa, irrequieta, irritada e com dor de cabeça. Pela primeira vez na vida me dei o direito de sair no meio daquela aula, voltando feliz para casa.



No plano vivencial pretendo fazer também modificações, mas isso igualmente são projetos. Penso possivelmente em mudar de minha casa para um apartamento, para facilitar o manejo doméstico, ou ingressar num lar de velhos. No entanto, quero continuar trabalhando, como faço há alguns anos, com clientes adultos e idosos, em sessões terapêuticas individuais. E também continuar a ter o prazer de cuidar da minha casa, do meu jardim.

Socialmente, vivo mais retraída, sozinha e com menos amigos. Tantos já morreram! A morte, apesar de companhia constante, continua sendo a grande incógnita.

Estou começando a arrumar “a minha casa”, desapegando-me das coisas que se tornaram supérfluas. Às vezes curto a solidão e, outras, sofro com ela. Fico uns momentos deprimida, mas logo em seguida vou ao encontro da música, de um livro, da TV, de uma amiga ou amigo. Vou a um cinema ou me dedico a qualquer outra atividade para sair deste estado. E na medida em que vou realizando um programa planejado, me sinto de novo bem comigo mesma.

Estou tentando e acho que estou ficando também mais tolerante e mais

capaz de ouvir o outro, mesmo quando tem a opinião diversa da minha. Uma qualidade que, sem dúvida, beneficia o meu empenho profissional. Estou aprendendo a me ouvir e acompanhar, na medida do possível, com sinceridade e disponibilidade, e de uma maneira não julgadora, o meu processo de envelhecimento. Acho que assim posso vivenciá-lo com interesse e dignidade. Vejo que as pessoas idosas que querem remar contra a maré sofrem desnecessariamente. A vida só corre para a frente, nunca para trás.

E, finalmente, algumas considerações a respeito da esfera espiritual que só muito recentemente ganhou importância na minha vida. Acho que a morte de pessoas que me eram queridas e, possivelmente, as influências orientais e as tendências místicas da atualidade me levaram a pensar, a ler e a participar de diversos cursos e vivências místicas e esotéricas. Sou muito grata, porque me foi dado perceber a correspondência entre o macro e o microcosmo, porque me foram abertos os olhos e o coração para poder enxergar a maravilha e a harmonia da criação divina e, assim, pude e posso sentir, com reverência e respeito, o mistério da vida e da morte.

# Passado: Memorável ou execrável?



Cronos, deus do tempo é filho do céu e da terra e tem preocupado os homens, seja por indicar a sucessão das idades na várias épocas - passado, presente e futuro - como também por trazer em si à idéia de transitoriedade da vida na terra e os enigmas do que se passa para além dela.

MARIA CECÍLIA FRANÇA LOURENÇO

O tempo na arquitetura é documentado pelo desgaste dos materiais, pela mutação do colorido, pelo estilo da edificação. Quando vemos uma construção audaciosa ela fala do nosso tempo, mas intriga, pois nos dá conta que estão acontecendo fatos do nosso período, muitas vezes incompreendidos e denunciadores de que estamos apartados da sensibilidade de nossos semelhantes. As velhas catedrais medievais nos contam de um tempo em que ritos secretos aconteciam em seu interior, ainda que desconheçamos dados significativos daquele tempo.

O tempo no cinema é feito de muitos tempos, porquanto nas duas horas em que assistimos a um filme passam-se dias, horas, por vezes séculos. O tempo real não coincide com aquele representado e quando assistimos a um filme, onde o tempo não é simulado, este pode se passar como enfadonho. Um filme como "A Bela Intrigante", com o dobro do tempo normal de uma sessão, mostrando um pintor desenhando um único modelo, ilustra a familiaridade que temos com o tempo cinematográfico, pois sua subversão para introdução do tempo real incomoda os espectadores.

A pintura, a escultura, a literatura, a música, a poesia e mesmo o cinema, pela natureza narrativa que possuem, inúmeras vezes abordam o tempo, seja de forma direta ou indireta. A pintura no século 17, em países protestantes, onde as encomendas religiosas não são permitidas, procura a representação da natureza morta. Surgem telas para as salas de refeição, portanto decorativas, mas emulam para a família a fatalidade terminal do homem, pois dissociado da natureza e vivendo em sociedade, seu destino terreno é terminal. Chama a atenção para a vaidade humana, reportando-se ao fato de que os objetos requintados ficam e o homem morre.



### O tempo passado

A criação dos museus para preservar a memória da produção artística é de certa forma recente, porquanto foi intensificada no século 19. O Estado e a Igreja abrem suas portas para a visitação pública e o que era restrito apenas para seus pares é dividido com os demais, ainda que não comunguem com seus princípios. O significado dessa abertura merece considerações, pois revela uma relação respeitável com o tempo passado, mostrando que este pode e até deve ser rememorado pelas gerações presentes. Enormes recursos são alocados para adaptação de edifícios, organização, preservação e restauro de obras, num desejo claro de perpetuar tal iniciativa e garantir sua permanência no futuro.

O homem, ao contrário dos animais, esquece, e o nome museu adotado rememora a sua origem etimológica, como casa das musas. Estas, segundo a teogonia grega, eram filhas do deus supremo Zeus com Mnemósine, ou seja, a memória, cabendo a cada uma das nove musas presidir as manifestações das artes e da inteligência: a história, a poesia, a música, a comédia, a tragédia, a eloquência, o canto, a astronomia e a dança. Assim, tinham uma dupla finalidade, pois de um lado preservavam a memória e transmitiam o que já se

**O futurismo não representa uma voz solitária neste século, pois desde o final do oitocentos artistas estavam inquietos em dar continuidade a toda tradição artística. Afinal, qual arte apropriada para mostrar o mundo do rádio, do telefone, dos avanços imunológicos e do viver urbano, onde o indivíduo deve se impor por seu valor e não por empréstimo daquele conquistado por seus antepassados?**

fizera, enquanto de outro criam como Zeus, ao cultivar e aperfeiçoar a pesquisa, em cada uma das áreas de conhecimento. Dessa forma, o incentivo ao saber subverte a ordem meramente reverenciadora do passado.

Implantam-se uma série de museus de história natural ou de arte no mundo, durante o século 19, incluindo-se o do Rio de Janeiro. As viagens dos naturalistas e a busca do bom selvagem rousseauiano trazem levas de botânicos e desenhistas que recolhem raridades, exemplos notáveis ante o olhar europeu, parecendo querer preservar aquelas espécies distantes da sociedade perversa, trazida pela Revolução Industrial. Todos esses exemplares destinam-se aos museus de história natural, o que nos pode levar a concluir que permeia estas atividades a crença de que o passado merece ser protegido, como lembrança memorável e por perigo de extinção.

A coleta do passado não se limita à natureza, atingindo as artes visuais e os museus. Especialmente no início do século 19, em plena vigência do romantismo artístico-cultural, a emoção transborda e vai atrás do imaculado, como na natureza, e descobre o folclore, o índio, enfim tudo o que fica à margem da sociedade trazida com o capitalismo. O exagero resvala num certo pieguismo que se torna virtuoso na dramaticidade, daí denominarmos por acadêmico. Num verdadeiro assistencialismo, faz-se a elegia da criança, do mendigo, do negro velho, da velhice desamparada, bem como do oposto, o que revela toda uma escala de valores em jogo. As telas são povoadas por velhas mendigas, vovozinhas carinhosas e serviçais, escancarando para o homem a face inelutável de cronos, o deus do tempo, o tempo que passa.

Como a profissionalização do artista, durante o século 19, se encontra centrada no ensino artístico das academias, esses temas passam a ser difundidos, transmitidos e, portanto, totalmen-

te esgotados. O realismo não abandonará de todo esse recurso, acrescentando apenas uma tônica mais voltada aos conflitos sociais. Cumpre acrescentar que os artistas brasileiros do período não ficaram imunes a esse receituário de piedade e de proteção abaforada ante o passado e, como consequência, a velhice.

Os artistas brasileiros, estudando na Academia Imperial do Rio de Janeiro, aperfeiçoando-se em outras no exterior, bem como ficando sujeitos ao esquema de envio de obras para Salões, com a esperança de galgar fama, tiveram necessariamente que pagar seu tributo a tais soluções. São obras sem maior interesse, pois que fazem todas as concessões ao esperado e suficientemente conservado pela tradição, sendo mero tradicionalismo.

Esse passado, entretanto, nem sempre tem sido considerado como memorável. Ao contrário, neste século, com as vanguardas históricas, o passado foi alvo de contundentes ataques, sendo o mais radical o dos futuristas, a declarar morte aos museus e aniquilamento de bibliotecas.

A raiz das críticas às instituições museais e bibliófilas é o fato de que estas reúnem testemunhos de uma cultura pretérita considerada qualificada e, portanto, capaz de emular algo para o presente, o que colide com a crença vanguardista de que o presente nada deve ao passado próximo. Rebelam-se contra as normas fixadas a partir do Renascimento e propõem em seu lugar o direito ao experimento e à liberdade individual. O tempo exemplar agora, desloca-se do passado para o futuro.

### **Ano Zero: o tempo presente**

O futurismo não representa uma voz solitária neste século, pois desde o final do oitocentos artistas estavam inquietos em dar continuidade a toda tradição artística. Afinal, qual arte apropriada para mostrar o mundo do rádio, do telefone, dos avanços imunológicos e do viver urbano, onde o indivíduo deve se impor por seu valor e não por empréstimo daquele conquistado por seus antepassados? Especialmente a perspectiva renascentista, com o observador imóvel sobre um tema, distante



estava de corresponder à nova sensibilidade dita feérica daqueles tempos.

Outros movimentos, do cubismo ao surrealismo, de forma semelhante abominaram qualquer sujeição ao passado, ao consagrado e às normas ditas de bom tom. Revêem posturas e enfrentam o público, como a querer convencer pelo choque do ressentimento. Dilaceram as imagens para expor feridas, negam a contemplação estética, propõem a reinserção da arte no cotidiano, abolem os gêneros artísticos, fazem o observador movimentar-se ante o mundo, sonham com o futuro e significativa parcela persegue a superação de conteúdos narrativos, como abstratos, construtivistas, puristas e concretos.

As entidades museais são também afetadas em suas relações com o passado. Com a criação dos Museus de Arte Moderna, ao final dos anos 20, as obras passam a ser recolhidas do ateliê para a entidade. Não têm mais aquela ligação reverenciadora em que os artistas só adentravam para o acervo, decorrido grande espaço de tempo, uma espécie de confirmação de seu valor. Agora o ruidoso, o singular, o subjetivo e o inédito passam a ser um padrão desejável.

Altera-se a relação passado x presente, que passa a ter uma articulação mais íntima. De um lado, o presente depositado nos museus representa um

legado, uma espécie de monumento memória para as gerações futuras, onde o aspecto subjetivo, a invenção de algo pessoal e ligado ao seu tempo torna-se relevável. Será dentro desses valores que a temática da velhice terá sua possibilidade de retomada. Em especial, será desenvolvida pelo expressionismo, dada sua característica voltada à exposição das chagas expressivas do mundo, nos momentos belicosos, nos conflitos sociais e nas biografias convulsionadas.

Há movimentos que desejam destruir e essas são chamadas as vanguardas negativas, mas ao seu lado estão as opostas, as que querem construir e preservar, especialmente a qualidade expressiva do homem, sua face ancestral, onde a sabedoria dos velhos espelha uma vida despojada dos valores materiais. Lasar Segall, um dos artistas que bem ilustra essa tendência, ao explicar sua opção por motivos ancestrais define de forma feliz o que vem a ser essa procura:

“Motivos ancestrais, uma formação cultural e psicológica livre de preconceitos conservadores, uma tendência para a expressão mais profunda da vida - isto explicará talvez a escolha dos assuntos, o seu tratamento no sentido humano, na valorização do homem, pela narrativa épica ou dramatizada de suas dores, de seu sofrimento, de suas lutas e angústias, pela sua superação...”



# **Comportamentos sexuais alternativos do jovem e do velho**



**O fato do jovem ainda não estar na idade  
de se comportar sexualmente como manda o figurino  
e o fato dos idosos já terem passado da idade  
de comprovarem suas aptidões,  
significa uma libertação sexo-temporal  
muito importante, da qual o adulto  
não escapa, senão a duras penas.**

**NAUMI ANTONIO DE VASCONCELOS**  
Psicóloga e Sexóloga - UFERJ

**P**ara abordar o tema “Comportamentos sexuais alternativos do jovem e do velho” é bom começar pela colocação do conceito de “alternativo”. Parece que quem fala em alternativa, fala em inventividade ou criatividade ou simplesmente em uma atenção profunda aos múltiplos aspectos das coisas, que não são nunca apenas como em um determinado momento elas se apresentam. Alternativa, então, se põe como possibilidade de um ver muito amplo das coisas.

Este conceito, ao ser aplicado à sexualidade, mostra ser a mesma uma realidade tão cheia de alternativas que não deixa de causar perplexidade o fato de tantas pessoas permanecerem em estado de carência a esse respeito. Falta de imaginação? Preguiça? Medo? Obediência às normas? Pode ser tudo isso, mas fundamentalmente entre esses motivos, parece haver uma corrente subterrânea que alimenta as mesmas. O rio escuro das verdades eternas.

A fixidez da visão pela qual o sexo é algo circunscrito e bem definido, de modo que se alguém não estiver de acordo com essa definição e essa circunscrição, estará fora do terreno sexual, é uma visão nefasta que a cultura nos passa e que, no entanto, os mais jovens e os mais velhos têm mais facilidade de superar que os adultos. E por que? É que os mais jovens ainda não aprenderam de todo essa lição e os mais velhos já tiveram tempo de esquecê-la. Pode ser um pouco por aí. Já os adultos têm essa lição muito diante dos olhos, o tempo todo, quanto mais não seja, pela prescrição do casamento e da procriação enquanto definidores da sexualidade.

Ora, os mais velhos e os mais jovens estão exatamente fora dessas prescrições, porque não podem ou não desejam mais procriar e também porque o casamento não se apresenta como uma realidade atual, seja porque enviuvaram, se separaram, seja porque não se casaram.

A abolição ou a redução dessas duas prescrições entre os mais jovens e

os mais velhos pode ser vista como fator de ligação entre esses dois grupos. Libertos do dever de procriar, um e outro estão mais livres do que a geração do meio, em relação à forma oficial de exercer a sexualidade, ou seja, do casamento.

O fato de o jovem ainda não estar na idade de se comportar sexualmente como manda o figurino e o fato de os velhos já terem passado da idade de comprovarem as suas aptidões sexuais, significa uma libertação sexo-temporal muito importante, da qual o adulto não escapa, senão a duras penas.

No cumprimento sexual do adulto perpassa a obrigação sempre de resgatar um passado e de preparar um futuro em sua vida sexual, coisa que tanto a criança como o jovem não têm nenhuma obrigação de fazer. Para o jovem ou para o velho a sexualidade propicia uma fruição do presente - ela não se põe como fator de segurança, de posse, sempre voltadas para o futuro, nem se vê obrigada a resgatar comportamentos passados, através de uma instituição que a legitime, como o casamento. Em síntese, a sexualidade dos mais jovens e dos mais velhos oportuniza comportamentos exatamente alternativos, isto é, fora das normas sexuais adultas.

Essas normas, como sabemos, privilegiam atividades sexuais institucionalizadas, das quais o casamento não é a única, mas também a prostituição e relações pára-conjugais, ou seja, o fato de um homem ou uma mulher terem amantes. Chamo essas relações de pára-conjugais e não extra-conjugais, como geralmente se fala, porque, na verdade, o amante, a amante, na nossa cultura, não estão fora (extra) ou além do casamento, mas dentro dele, como um terceiro elemento potencial, a outra face de uma mesma realidade.

Assim, casamento, relações pára-conjugais e prostituição não parecem ser comportamentos sexuais alternativos, no sentido de uma escolha ou de uma mudança. Quem fala em alternati-

**A fixidez da visão pela qual o sexo é algo circunscrito e bem definido, de modo que se alguém não estiver de acordo com essa definição e essa circunscrição, estará fora do terreno sexual, é uma visão nefasta que a cultura nos passa e que, no entanto, os mais jovens e os mais velhos têm mais facilidade de superar que os adultos.**

vo, fala em mudança de comportamento sexual. Os procedimentos acima se caracterizam mais como algo contínuo, uma concomitância e não uma alternativa, uma progressão ou uma solução nova.

Voltando aos jovens e aos velhos, é neles que os comportamentos sexuais se mostram alternativos, por escaparem, como já disse, dessa norma vigente adulta e se tornam uma ocasião propícia para uma reformulação para os mais velhos e para uma descoberta para os mais jovens, da riqueza da sexualidade humana. É aí que o estereótipo da sexualidade perde seus elementos, se quebra e pode ser substituído por uma vivência original e criativa.

Os estereótipos da sexualidade, em nossos dias, englobam três elementos-chaves: saúde, segurança e prazer orgasmático. A saúde, mostrando-se na capacidade de multiplicar façanhas sexuais, na capacidade de ser atleta na área. A segurança, evidenciando-se na busca de garantias, através de fidelidade, exigência de casamento, propriedade, enfim, formas de investimentos para o futuro. A busca de prazer orgasmático, ao totalizar a capacidade hedonística humana, chega a empobrecê-la consideravelmente. Um estereótipo é um conjunto de elementos, que compõem um quadro muito obsessivo, na busca do qual as pessoas quebram a cabeça, quebram o corpo, quando não quebram mesmo outras coisas.

Na infância e na terceira idade o estereótipo sexual perde sua vigência, ou melhor, pode perdê-la, pois as condições tanto individuais quanto sociais do exercício sexual são propícias a práticas fora desse estereótipo. Não se exige nem da criança, nem do jovem, nem do velho que eles sejam atletas neste campo. Não é, portanto, por uma questão de saúde, não é por questão de segurança, isto é, de assegurar um futuro através do casamento ou de uma posse, e nem por uma busca de um prazer orgasmático continuado - obsessão de muita gente - que essa sexualidade se exerce tanto nos mais jovens como nos mais velhos.

Infelizmente, essa oportunidade de a sexualidade ser vivida fora de uma maneira estereotipada, tanto na infância, na juventude ou na adolescência, como na velhice, é pouco aproveitada por essas duas gerações.

A sexualidade infantil é reprimida em nome de um estatuto adulto, que nem sequer reconhece a sua manifestação diferenciada. A sexualidade dos mais velhos é também reprimida em nome da mesma coisa, em nome do estatuto adulto, onde essa sexualidade não está inserida. Pena que os mais velhos interiorizem essa proibição, pena que deixem escapar essa oportunidade de redescobrirem sua sexualidade, na sua encarnação atual. Pena que ao envelhecerem, as pessoas escolham trilhar os caminhos da depressão, que é muito comum, ao invés daquele regresso florido a si mesmas, daquele regresso a uma sexualidade cortada na infância, quando era aberta a todas as descobertas.

Mas é uma pena compreensível, na medida em que somos produtos do ambiente social, mais do que pensamos e bem mais influenciáveis do que gostaríamos de ser, pelas críticas e exigências culturais que atingem durante o fato de ser velho.

A vergonha de ser velho, embora patrocinada pela cultura, parece-me repousar fundamentalmente em uma ignorância existencial. Chamo de ignorância existencial ao fato de os indivíduos não aprenderem, não estarem atentos ao que neles mesmos se passa e pode se passar, de não exercerem sua curiosidade do mundo em si mesmos, em todas as fases da existência. Sem curiosidade não há saber, há decoração de papéis e de lições preparadas de antemão, como é o caso da sexualidade, de uma maneira geral.

Quando se pretende que só há uma forma de desenvolver a sexualidade e que esta forma está condicionada a uma fase da vida, está-se dando prova de uma ignorância existencial diante das estações da existência e do desenvolvimento dela. Ignora-se que a sexualidade madura tem o seu ritmo próprio

**A vergonha de ser velho, embora patrocinada pela cultura, parece repousar em uma ignorância existencial. Ignorância existencial pelo fato de os indivíduos não aprenderem, não estarem atentos ao que neles mesmos se passa e pode se passar, de não exercerem sua curiosidade no mundo em si mesmos. Sem curiosidade não há saber, há decoração de papéis e de lições preparadas de antemão, como é o caso da sexualidade.**

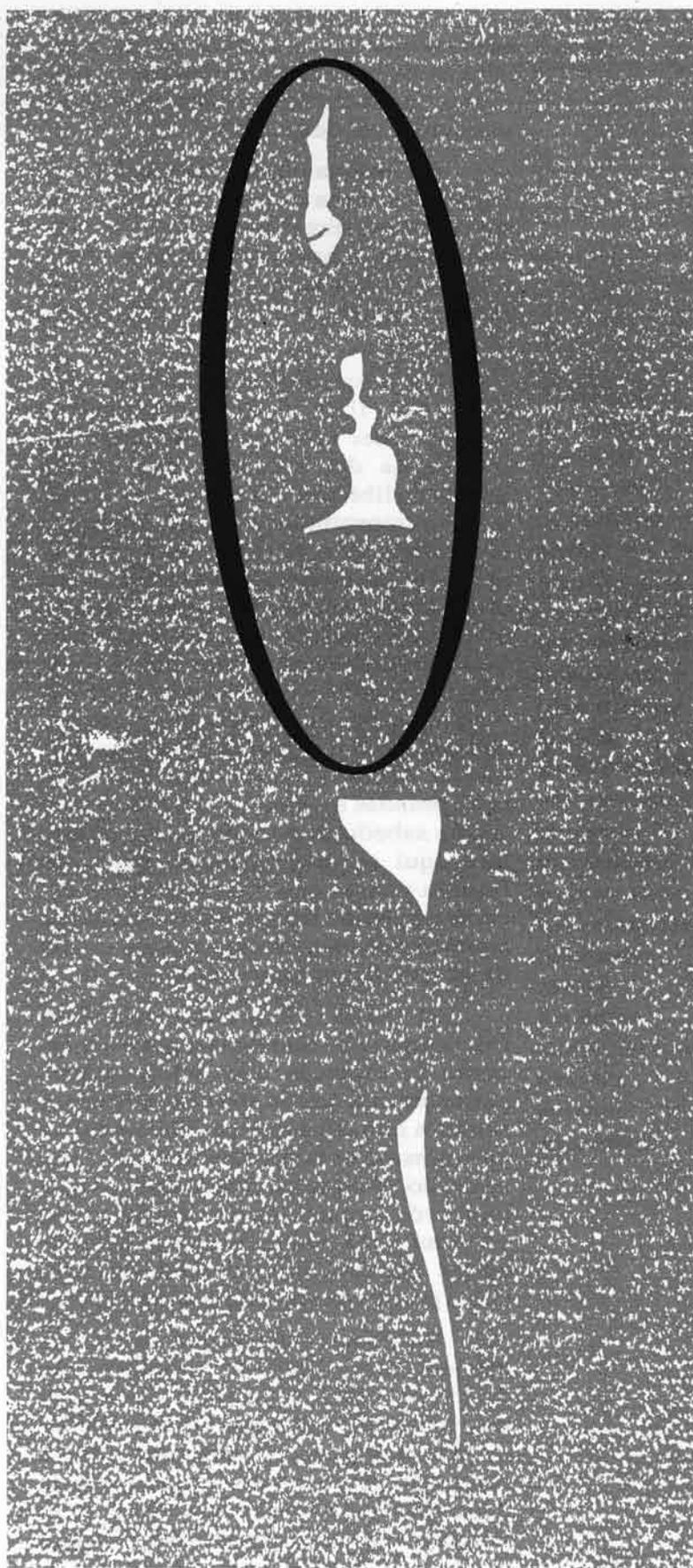
e sua manifestação peculiar e que esse fruto está alí para ser colhido e saboreado em sua estranha doçura. Lembrando uma frase de Clarice Lispector: “assim se aprende que o que é jejum para uns é banquete para outros”.

Há, entretanto, uma diferença entre a sexualidade dos jovens e dos mais velhos, que se destaca, idealmente, em favor desses últimos. Ela se liga à questão dos papéis sexuais da nossa cultura. Os mais velhos, bem mais do que os jovens, estão libertos de se comportarem sexualmente de acordo com esses papéis, na medida em que os mesmos são dirigidos para a procriação e manutenção da instituição familiar - metas das quais os mais velhos estão dispensados.

Igualmente, segundo esses papéis, crianças e adolescentes são fortemente educados para moldarem seu desempenho sexual segundo um suposto padrão masculino ou feminino e nisso sufocam o despertar espontâneo da libido. Os mais velhos já passaram por isso e já devem ter percebido que a libido propriamente não tem sexo e podem, mais facilmente do que os jovens, deixarem-na manifestar-se, seja hétero, homo ou auto-eroticamente.

Pode-se dizer que na sexualidade dos mais velhos as figuras castradoras do social perdem sua função. Eles não têm, tanto quanto os mais jovens, que responder aos ditames de uma performance sexual diferenciada em masculino ou feminino. Os velhos, enfim, geralmente não têm mais pais e mães e podem realizar sexualmente aquilo que essa orfandade, tanto num sentido literal quanto simbólico, propicia em um plano maior. Libertar-se dos pais e das mães sexuais de nossa cultura, viver a orfandade do desejo é uma aspiração, ainda que difícil de ser alcançada em qualquer autonomia sexual.

Concluindo, acho interessante anexar e responder neste artigo duas intervenções feitas pelo público, quando da apresentação desta palestra no Simpósio “Valores, Ideologias e Gerações”, promovido pelo SESC de São Paulo:



1) "Gostaria de contestar sua observação de que na idade adulta a ausência de tutores possibilitaria o despertar da libido na sua plenitude (ou a chance desse despertar).

Em minha observação de idosos, o que se dá é uma atitude muito regredida que reforça sobremaneira não só a existência como a permanência desses tutores internamente, levando a um enrijecimento da conduta e não a uma libertação".

Resposta: efetivamente, se a uma ausência literal de tutores não corresponder uma ausência simbólica ou interna dos mesmos, não haverá liberação libidinal. O que intentei mostrar é a oportunidade que se oferece a indivíduos de realizarem essa conversão, sem desconhecer, no entanto, sua dificuldade, sobretudo a dificuldade de se sair dos estereótipos, mesmo da parte daqueles que são neles discriminados, como os idosos. Ao internalizarem o estereótipo da velhice, eles mesmos se condenam à regressão e ao ressentimento. Afinal, nossa cultura não orienta as pessoas a saberem envelhecer, ou a uma sabedoria do envelhecer. O que falo aqui se destina muito mais aos futuros velhos que todos seremos, espécie de profilaxia que talvez não atinja aqueles que não tiveram oportunidade de exercê-la em tempo útil.

2) "Se os velhos estão mais libertos, porque não têm mais o pai e a mãe, como as crianças e os adolescentes, para controlá-los na sua sexualidade, a senhora não acha que os filhos adultos e/ou mesmo os netos são, muitas vezes, castradores da sexualidade de seus pais e/ou avós, impedindo que um pai viúvo ou uma irmã viúva venha a contrair novas núpcias, considerando-os ridículos porque querem uma nova união?"

Resposta: Não é que os velhos estejam mais libertos, simplesmente poderiam estar, segundo a ótica aqui desenvolvida, coisa que nossa sociedade não favorece. O autoritarismo, a repressão sobre o outro fazem parte da educação que está por aí e não é de se admirar que crianças e jovens sejam

muitas vezes mais reacionários e dogmáticos que muitos adultos. Também não se pode esquecer que a família não é apenas uma unidade afetiva, mas largamente econômica, ligada à conservação e transmissão de propriedades, de heranças, o que, sem dúvida alguma, está na base das censuras que os mais novos de uma família fazem aos mais velhos, quando estes intentam contrair novas núpcias. Desmascarar essas censuras, denunciar o interesse econômico que por trás delas se oculta é, no entanto, muitas vezes penoso para os mais velhos que preferem acreditar tratar-se de "zelo", "ciúme", chegando até a concordar que são mesmo ridículos como dizem deles. No fundo, não querem perder laços afetivos com a família, se persistirem em sua "rebelia". A família, por sua vez, os chantageia com ameaças de abandono ou desprezo. Círculo vicioso que poderia se romper, uma vez admitidas as verdadeiras razões e interesses que se ocultam sob aquelas críticas.

Mas, para isso, como disse acima, é preciso preparo. É preciso preparar-se para ser um velho autônomo, desde a juventude. Possivelmente, muitos velhos temerosos tenham sido jovens preconceituosos, sexualmente estereotipados, jovens que prepararam uma velhice ruim para eles mesmos. Afinal, velhice é continuidade de uma mesma existência.

Neste artigo falou-se de uma semelhança teórica e ideal entre a sexualidade dos jovens e dos velhos e de como ela oportuniza condutas alternativas, ou seja, fora dos parâmetros instituídos. As réplicas acima mostram, no entanto, que essa semelhança é negada, o jovem não se reconhecendo no velho, nem este se permitindo esse reconhecimento, o que significa que, na prática social, a discriminação continua. O traço de união entre juventude e velhice só será efetivada através de uma educação global que não efetue essa separação entre eles, de uma educação que contemple as alternativas e não as rupturas do existir no tempo.

**É preciso preparar-se para ser um velho autônomo, desde a juventude. Possivelmente muitos velhos temerosos tenham sido jovens preconceituosos, sexualmente. Jovens que prepararam uma velhice ruim para eles mesmos. Afinal, velhice é continuidade de uma mesma existência.**



# **Faculdade da Terceira Idade de São José dos Campos**

**Reflexos na vida de seus alunos**

**Pesquisa coordenada pelo Departamento de  
Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais  
Aplicada na Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP,  
a Faculdade da Terceira Idade de São José dos Campos.**

**ELIANA RIBEIRO L. RAHAL / SESC São José dos Campos**

*A sociedade tem sido alertada por estudiosos do assunto para o fenômeno do envelhecimento da população brasileira que, segundo projeção do IBGE, apresentará no ano 2000 uma porcentagem equivalente a 13,8% de pessoas com mais de 60 anos, constituindo-se na faixa etária que mais cresce no país.*

## Natureza do Programa

**T**rata-se de um programa de nível acadêmico, congregando o Curso de Extensão e Atualização Cultural - CEAC, o Centro de Estudos Avançados para a Terceira Idade - CEATI e o Curso de Pós-Graduação, "latu sensu", ao nível de Especialização em Gerontologia Social.

Esta experiência parte do pressuposto de que a educação não pode ser limitada ao período escolar, nem ser privilégio da escola; não pode ser fragmentada pelas várias faixas da vida humana, mas deve ser um "continuum" que permita ao homem enfrentar as mudanças que se processam rapidamente no mundo de hoje e de amanhã.

Em outras palavras, a educação continuada ou permanente não pode ser entendida como um ponto final, mas como um ponto de partida em que também o passado se liga dialeticamente ao futuro, no diálogo das gerações.

Além disso, a educação continuada é uma educação libertadora, isto é, deve ser considerada como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação; é uma concepção dialética de educação como duplo processo de aprofundamento: de experiência de vida pessoal e de vida social global, demarcada pela participação ativa, responsável e transformadora de cada sujeito envolvido, em qualquer etapa da existência que esteja vivendo.

Dentro desta perspectiva, alinham-se os seguintes objetivos: permitir às pessoas com idade acima de 45 anos o acesso à educação continuada, propiciando condições para o desenvolvimento do indivíduo e para sua integração na comunidade, reconhecendo seu potencial de contribuição para a sociedade e seus direitos como cidadão; estimular a participação do indivíduo como agente habilitado para a ação junto à família e à comunidade; envolver a Universidade de forma interdisciplinar no tratamento da questão da terceira idade, abrindo campo de atuação de ensino e pesquisa; contribuir para a consolidação da finalidade da UNIVAP no que se refere a "desen-

volver ações permanentes, de forma que um segmento cada vez maior da comunidade possa usufruir dos benefícios das atividades por ela desenvolvidas". (Art. 3º it.V do Estatuto).

## Uma alternativa de atendimento ao idoso

A sociedade brasileira tem relegado as pessoas da terceira idade a um segundo plano, excluindo-as até de uma participação social maior, justamente em uma fase em que poderiam dar valiosas contribuições em muitas áreas, através de seus conhecimentos e experiência.

A imagem estereotipada da incapacidade aliada à idade está presente na família, nos meios de comunicação, na própria comunidade que nega ao indivíduo o espaço social que lhe é devido.

A Gerontologia Social e outras ciências buscam reverter esse processo. A sociedade tem sido alertada por estudiosos do assunto para o fenômeno do envelhecimento da população brasileira que, segundo projeção do IBGE, apresentará no ano 2000 uma porcentagem equivalente a 13,8% de pessoas com mais de 60 anos, constituindo-se na faixa etária que mais cresce no país.

A terceira idade é uma etapa da vida em que se atinge um amadurecimento maior, mas vem a coincidir com a aposentadoria, com a perda de papéis sociais e de qualidade de vida, fatores que mais se agravam em relação às pessoas de baixa renda que, portanto, não têm condições de viverem dignamente. Em contrapartida, a terceira idade é o momento em que se podem ativar e desenvolver outros interesses, outras atividades para as quais a pessoa não teve oportunidade ou tempo disponível no passado.

É importante investir no desenvolvimento social, considerando-se que a sociabilidade é inerente à condição humana, levando o indivíduo a melhor compreender-se e melhor compreender o mundo atual em todas as suas implicações e no ritmo de suas transformações.

Justifica-se assim o Programa da Faculdade da Terceira Idade, no sentido de atender o interesse das pessoas acima de 45 anos, na sua busca de novos conhecimentos, constituindo-se também em espaço para a ampliação dos contatos interpessoais, para a vivência grupal e para o exercício das responsabilidades e direitos de todo cidadão.

As universidades brasileiras, sensíveis às questões sociais, devem ainda contribuir para a construção de conhecimentos específicos, assim como para formar quadros profissionais multidisciplinares que atendam a demanda técnico-científica no que se refere à terceira idade.

### **Estrutura Organizacional**

Lançada oficialmente em junho de 1991, a Faculdade da Terceira Idade iniciou suas atividades em agosto do mesmo ano, organizando seus cursos da seguinte maneira:

. Curso de Extensão e Atualização Cultural - CEAC ao nível de educação continuada para a terceira idade, compreendendo três níveis (I, II, III), divididos em três semestres letivos, seqüenciais:

Nível I: visa à interação grupal e sociabilização; atualização cultural.

Nível II: visa à interação grupal e sociabilização; aprofundamento dos temas do Nível I.

Nível III: visa à interação grupal e sociabilização; aprofundamento em questões mais amplas da sociedade.

. Centro de Estudos Avançados para a Terceira Idade - CEATI, para os alunos que concluíram os três níveis do Curso de Extensão e Atualização Cultural, com o objetivo de sensibilizar os alunos para o estudo e investigação das questões sociais da comunidade e motivá-los para a ação social como agentes habilitados para trabalhos junto à família e à comunidade.

. Curso de Especialização em Gerontologia Social, subordinado ao programa da Pré-Reitoria e Pós-Gradu-

ação, destinado aos graduados em diversas áreas de conhecimento, visando à formação de docentes para o ensino e investigação na área, assim como atender aos profissionais que trabalham com a terceira idade.

### **Conteúdo programático do CEAC**

a) Módulo de conhecimento:

abrange as áreas de Psicologia, Filosofia, Literatura e Língua Portuguesa, Geografia, Economia, Direito, História, Política Social, Matemática, Antropologia, Sociologia, Medicina Social, Cultura e Folclore, Gerontologia Social, Comunicação Social, Educação Ambiental, Ciência e Tecnologia e outras áreas de interesse dos alunos.

b) Módulo expressão físico-sensível:

abrange aspectos físicos, esportivos e artísticos, ou seja, ginástica, dança, yoga, natação, vôlei, basquete, teatro, música, artes plásticas etc.

c) Módulo de associativismo:

corresponde a passeios, excursões, bailes, visitas a museus e entidades sociais, eventos culturais etc.

Obs.: Esse conteúdo é flexível, podendo sofrer alterações de acordo com o interesse dos alunos.

Os cursos terão a carga mínima de 96 horas semestrais e a frequência mínima de 60% por disciplina e atividade. A não obtenção da frequência exigida implica perda do semestre letivo.

### **Estratégia de Ensino**

Fazem parte desta estratégia: a adaptação dos programas ao nível dos alunos, pressupondo heterogeneidade entre eles; a ampliação gradativa do grau de dificuldade dos programas; monitoria dos alunos mais habilitados e grupos de estudos.

### **Estrutura didática**

Aulas expositivas, palestras, seminários, debates, encontros, oficinas (teatro, música, artes plásticas e atualidades), eventos culturais, atividades recreativas e esportivas, dinâmica de grupo.

*A imagem estereotipada da incapacidade aliada à idade está presente na família, nos meios de comunicação, na própria comunidade que nega ao indivíduo o espaço social que lhe é devido.*

A  
maioria  
dos  
alunos  
é de  
mulheres  
70%

Obs.: Dependendo do interesse dos alunos, organizam-se cursos paralelos de inglês, francês, italiano, computação e outros.

### **Corpo Docente**

Recrutados na UNIVAP, no SESC e na comunidade, os professores de-

vem estar identificados com o projeto e passar pelas seguintes fases: reflexão sobre os conceitos de educação continuada; elaboração de programas integrados e avaliação periódica dos programas.

Ao SESC cabe ainda a assessoria técnica da Faculdade.

## **PESQUISA SOBRE OS REFLEXOS NA VIDA DOS ALUNOS**

Após dois anos de existência, já foi possível avaliar os primeiros resultados deste processo de educação continuada na vida dos alunos. As conclusões, neste sentido, não foram baseadas em considerações ou decisões que decorram normalmente da observação direta dos grupos, mas foram obtidas através de uma pesquisa que teve como objeto identificar até que ponto a ação desenvolvida refletiu nas relações do idoso com sua família, vizinhança, colegas da própria universidade e com a comunidade.

### **Método e técnicas de investigação utilizadas**

O estudo partiu de um processo indutivo que foi se delimitando na exploração dos contextos onde se realizou, da observação participante do objeto pesquisado e dos contatos estabelecidos no decorrer da experiência com os informantes.

Utilizou-se para levantamento de dados um questionário com perguntas abertas e fechadas, preenchido por escrito pelo entrevistado. Através deste questionário procurou-se enfatizar os aspectos que segundo levantamento bibliográfico e objetivo da pesquisa poderiam ser relevantes ao estudo. Teve como intenção fornecer elementos básicos para um primeiro diagnóstico da situação, sem pretender esgotá-lo, e subsidiar futuras investigações.

O questionário foi delimitado em cinco grandes categorias: identificação, relações com o grupo familiar, relações com vizinhança, relações com organizações sociais e relações na universidade da terceira idade.

Embora o questionário tenha sido testado, percebeu-se que não se conseguiu o levantamento dos dados na sua totalidade. Um número significativo de questões não foi respondido. Infere-se que tenha sido por dificuldades de compreensão e visualização das questões pelos idosos e a questão do momento da aplicação não ser adequado (intervalo de aula, com tempo restrito).

### **Definição da amostra**

O universo total da pesquisa delimitado foi de 70 (setenta) alunos do nível II da Faculdade da Terceira Idade da cidade de São José dos Campos.

Optou-se pelos alunos do nível II por terem vivenciado já uma parte do processo do curso, devendo reunir condições para emitir opiniões avaliativas sobre o mesmo.

Desta população foi extraída uma amostra representativa, equivalente a 25% da população total.

O tipo de amostragem escolhida foi a da probabilística ou casual, de tipo simples, com reposição dos alunos que por ventura não estivessem frequentando mais o curso.

O processo utilizado para obtenção da amostra foi o sorteio casual dos alunos, através de uma listagem por ordem alfabética numerada dos alunos dos níveis II, III e ex-alunos, sucessivamente.

Os números foram colocados em recipientes adequados e sorteados um a um, por nível.

A seguir, os quadros da amostragem.

## ALUNOS DA FACULDADE DA 3ª IDADE UNIVAP

### Quadro B1. Sexo

Sexo	NA	%
Masculino	05	29,44
Feminino	12	70,56
Total	17	100,0

Verifica-se que a maioria dos alunos é de mulheres - 70,56%.

### Quadro B2. Idade

Idade	NA	%
50 a 55 anos	02	11,76
56 a 60 anos	06	35,30
61 a 65 anos	03	17,64
66 a 70 anos	02	11,76
71 a 75 anos	03	17,64
75 a 80 anos	01	5,90
Total	17	100,0

Através do quadro demonstrativo de idade verificou-se que a faixa de 56 a 60 anos é a que concentrou maior número de entrevistados - 35,30%.

É expressivo o número na faixa de 71 a 75 anos com 17,64%.

### Quadro B3. Estado Civil

Estado Civil	NA	%
Solteiro	-	-
Casado	15	88,20
Viúvo	01	5,90
Separado	01	5,90
Outros	-	-
Total	17	100,0

Observa-se que neste quadro demonstrativo a maior parte dos entrevistados são casados - 88,20%.

### Quadro B4. Escolaridade

Escolaridade	NA	%
Primário incompleto	02	11,76
Primário completo	02	11,76
Secund. incompleto	05	29,44
Secund. completo	03	17,64
Superior incompleto	02	11,76
Superior completo	03	17,64
Total	17	100,0

Verifica-se que a maioria concentra-se no Secundário Incompleto, 29,44%. Em seguida, com 17,76%, alunos com Primário Incompleto, Primário Completo e Superior Incompleto. Com 17,64% alunos com Superior e Secundário Completos.

### Quadro B5. Outros Cursos

Outros Cursos	NA	%
Sim	05	29,44
Não	12	70,56
Total	17	100,0

Dos entrevistados 29,44% possuem outros cursos como: corretor de imóveis, puericultura, corte e costura, especialização em metodologia da linguagem, parapsicologia, enfermagem e simpósios médicos.



### Quadro B6. Crença Religiosa

Crença Religiosa	NA	%
Espírita	02	11,76
Evangelista	-	-
Católica	15	88,24
Ateu	-	-
Outra	-	-
Total	17	100,0

Verifica-se uma concentração bastante significativa dos entrevistados quanto à crença religiosa: 88,24% são católicos.

### Quadro B7. Profissão

Profissão	NA	%
Agente Social	01	5,88
Do lar	05	29,44
Prof. de Educação	01	5,88
Aposentado	01	5,88
Costureira	01	5,88
Militar de Reserva	01	5,88
Prof. de Música	01	5,88
Func. Público Estadual	01	5,88
Escriturário	01	5,88
Comerciante	01	5,88
Não respondeu	03	17,64
Total	17	100,0

Constatou-se que 29,44% são Do lar e observou-se que 52,92% tiveram alguma profissão.

### Quadro B8. Ocupação

Ocupação	NA	%
Do Lar	06	35,30
Func. Municipal	01	5,88
Aposentada	01	5,88
Voluntário - Presídio	01	5,88
Costureira	01	5,88
Comerciante	01	5,88
Não respondeu	06	35,30
Total	17	100,0

Observa-se que apenas 5,88% são aposentados e outros desenvolvem alguma ocupação.

### Quadro B9. Aposentadoria

Já se aposentou	NA	%
Sim	07	41,18
Não	04	23,52
Não respondeu	06	35,30
Total	17	100,0

Verifica-se que dos 17 entrevistados 41,18% já se aposentaram. Uma concentração bastante significativa dos que não responderam - 35,30%.

### Quadro B10. Quando se aposentou

Quando se aposentou	NA	%
Não respondeu	17	100,0

Neste quadro verifica-se que as pessoas que deveriam ter respondido não responderam - 9,71%.



### Quadro B11. Moradia

Moradia	NA	%
Mora em casa	10	58,82
Mora em apartamento	07	41,18
Mora com a família	13	76,44
Mora com amigos	-	-
Total	30	176,44

Constata-se neste quadro que 58,82% dos pesquisados moram em casa e que 76,44% moram com a família.

### Quadro B12. Situação de moradia

Moram com a família	NA	%
Esposo	06	35,32
Esposo e filho	04	23,52
Filho casado	01	5,88
Filho e neto	01	5,88
Companheiro	01	5,88
Não respondeu	04	23,52
Total	17	100,0

A maior parte dos entrevistados moram com esposo, esposo e filho e companheiro - 64,72%.

### Quadro B13. Número de filhos, netos e bisnetos

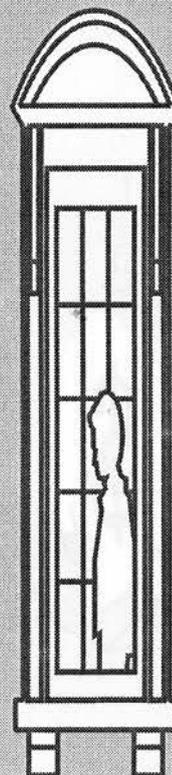
Nº Filhos	NA	%	Nº Netos	NA	%	Nº Bisnetos	NA	%
01	02	11,76	01	02	11,76	09	01	5,88
02	03	17,64	02	03	17,66	11	01	5,88
03	05	29,44	03	02	11,76	00	15	88,24
04	03	17,64	04	03	17,66	-	-	-
05	01	5,88	05	01	5,88	-	-	-
06	01	5,88	06	02	11,76	-	-	-
09	01	5,88	07	01	5,88	-	-	-
11	01	5,88	08	01	5,88	-	-	-
-	-	-	17	01	5,88	-	-	-
-	-	-	32	01	5,88	-	-	-
Total	17	100,0	Total	17	100,0	Total	17	100,0

Composição familiar predomina nos:

Filhos: de 3 a 4 - 47,08% - dois entrevistados apresentam famílias bem numerosas.

Netos: de 1 a 4 netos concentra-se o maior número de pessoas 58,84% - dois entrevistados apresentam o maior número de netos.

Bisnetos: observa-se que apenas dois entrevistados têm bisnetos com um número bastante expressivo.



#### Quadro B14. Situação Financeira

Situação Econômica	NA	%
0 a 2 S.M.	01	5,88
3 a 5 S.M.	05	29,42
6 a 9 S.M.	05	29,42
10 a mais S.M.	03	17,64
Não respondeu	03	17,64
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

Observa-se que dos entrevistados:

- 0 a 2 S.M. - 1 pessoa têm uma renda até Cr\$ 460.000,00
- 3 a 5 S.M. - 5 pessoas têm uma renda de Cr\$ 690.000,00 a Cr\$ 1.150.000,00
- 6 a 9 S.M. - 5 pessoas têm uma renda de Cr\$ 1.380.000,00 a Cr\$ 2.070.000,00
- 10 a + S.M. - 3 pessoas têm uma renda de mais de Cr\$ 2.300.000,00

#### Quadro B15. Atividades desenvolvidas no Tempo Livre

Atividades no tempo livre	NA	%
Viajar	10	58,80
Fazer ou receber visitas	02	11,76
Ir ao teatro e cinema	04	23,52
Assistir TV	14	82,32
Realizar atividades artísticas	05	29,40
Realizar bicos	01	5,88
Fazer militância política	-	-
Participar de reuniões de bairros	03	17,64
Praticar esportes	06	35,28
Ir a bailes, restaurantes e pizzaria	06	35,38
Participar de centros de convivência	02	11,76
Ir à Igreja	06	35,28
Ler	12	70,56
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>417,48</b>

Dos entrevistados predomina no seu tempo livre:

82,32% - assistir TV

70,56% - ler

58,80% - viajar



**Quadro B16. Outras atividades desenvolvidas no tempo livre**

Outras Atividades	NA	%
Ajuda a olhar netos	01	5,88
Natação	01	5,88
Casa espírita	01	5,88
Não responderam	14	82,36
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

**Quadro B17. Interesse em cursar a Universidade da 3ª Idade**

O que despertou interesse pela Universidade da 3ª Idade	NA	%
Solidão	01	5,88
Necessidade de se relacionar	07	47,16
Atualização cultural	12	70,56
Ter amigos na Universidade da 3ª Idade	02	11,76
Preencher o tempo livre	03	17,64
Forma de lazer	04	23,52
Busca de profissionalização	04	23,52
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>194,04</b>

Constata-se que o interesse pela Universidade da 3ª Idade é:  
70,56% - atualização cultural  
41,16% - necessidade de se relacionar.

**Quadro B18. Outros interesses manifestados**

Outros interesses	NA	%
Aprender sempre	02	11,76
Recomendação médica	01	5,88
Não responderam	14	82,32
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>



A Faculdade da 3ª Idade - UNIVAP tem 70,56% de sua população formada pelo sexo feminino, enquanto que apenas 29,44% pertencem ao sexo masculino.

A faixa etária dominante varia entre 56/60 anos - 35,50%.

Em seguida temos 17,64% entre as idades 61 a 65 anos e 71 a 75 anos. No percentual de 11,76% temos as idades que variam entre 50 e 55 anos e 66 a 70 anos.

Num índice menor de 5,90% as idades de 75 a 80 anos.

50 a 60 anos	35,30%
61 a 65 anos e 71 a 75 anos	17,64%
50 a 55 anos e 66 a 70 anos	11,76%
75 a 80 anos	5,90%

Em sua maioria, os alunos da Faculdade da 3ª Idade da UNIVAP são casados 88,20% sendo que apenas 5,90% são viúvos ou separados.

O nível de escolaridade predominante é o secundário incompleto com 29,44%. Em seguida, com 17,76% temos alunos com primário incompleto, primário completo e superior incompleto. Logo abaixo com 17,64% temos alunos com secundário e superior completos.

a) Secundário incompleto	29,44%
b) Primário incompleto	
Primário completo	17,76%
Superior incompleto	
c) Secundário completo	17,64%
Superior completo	

Além das formações citadas acima, 29,44% dos entrevistados possuem outros cursos como: corretor de imóveis, puericultura, corte e costura, especialização em metodologia da linguagem, parapsicologia, enfermagem, além de participação em simpósios médicos.

Em relação a opção religiosa, apenas duas religiões foram citadas:

- 1º) Católica - 88,24%
- 2º) Espírita - 11,76%

Sendo a Faculdade da 3ª Idade formada principalmente por mulheres, 70,56%, a profissão que obteve o maior



índice foi a chamada "Do lar" com 29,44%. No índice de 5,88% encontramos profissões como: agente social, professor de educação, aposentado, costureira, militar de reserva, professor de música, funcionário público estadual, escriturário, comerciante.

Conseqüentemente, a ocupação "Do lar" obteve o maior índice, com 35,30%. Com 5,88% encontramos: funcionário municipal, aposentada, voluntário do presídio, costureira, comerciante.

Em relação a moradia, 58,82% dos alunos moram em casa, enquanto que 41,18% em apartamentos. Em sua maioria, 76,44% moram com a família, ou seja:

35,32%	com o esposo
23,52%	com o esposo e filho
5,88%	com filhos casados
	filho e neto
	companheiro

Na composição familiar em relação a:

Filhos

- 29,44% possuem 3 filhos
- 17,64% possuem 4 e 2 filhos
- 11,76% possuem 1 filho
- 5,88% possuem 5 a 11 filhos

Netos

- 17,66% possuem 4 e 2 netos
- 11,76% possuem 1, 3 e 6 netos
- 5,88% possuem 7, 8, 17 e 32 netos

Bisnetos

- 88,24% não possuem bisnetos
- 5,88% possuem 11 e 9 bisnetos

Economicamente, tendo como parâmetro o salário mínimo de julho/92, 29,42% ganham de 3 a 5 salários mínimos. Neste mesmo índice (29,42%) estão os que ganham de 6 a 9 salários mínimos.

Em 17,64% estão os que ganham de 10 a mais salários mínimos. Logo abaixo, em 5,88%, os que ganham de 0 a 2 salários mínimos.

A maioria dos alunos, ou seja, 82,32% têm na TV sua principal atividade realizada no seu tempo livre. Abaixo, com 70,56%, os idosos optam pela leitura. Em seguida, 5,88% optam por viagens.

Além disso, 35,28% optam pela prática de esportes, ir a igrejas, bailes, restaurantes - pizzarias. Pela atividade artística, 29,40%. Ir ao teatro e cinema, 23,52%. Participaram em reuniões de bairro, 17,64%. Fazem ou recebem visitas 11,76% e apenas 5,88% realizam bicos, olham os netos, praticam natação e atividades filantrópicas.

O maior interesse pela participação na Faculdade da 3ª Idade, foi a necessidade de atualização cultural - 70,56%, seguida pela necessidade de se relacionar - 41,16%. Como forma de lazer e busca de uma profissionalização encontramos 23,52%. Como forma de preencher o tempo - 17,64% e motivado pela solidão - 5,88%.



**ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS DO GRUPO DA UNIVAP.  
RELAÇÕES COM O GRUPO FAMILIAR.**

**Quadro B19. Tipo de Relações Familiares**

Tipos de relações com o grupo familiar	NA	%
Convivência diária	13	76,46
Convivência esporádica	03	17,66
Nenhuma convivência	-	-
Não responderam	01	5,88
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

Constata-se que:

76,46% - possuem convivência diária

17,66% - convivência esporádica

**Quadro B20. Nível de relações com a família antes de frequentar a Universidade da 3ª Idade**

Nível de relação com o grupo familiar antes de frequentar a Universidade da 3ª Idade	NA	%
Ruim	-	-
Regular	01	6,25
Bom	05	31,25
Ótimo	06	37,50
Outros	05	25,00
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

Constata-se que antes de frequentar a Faculdade da 3ª Idade a relação familiar era:

37,50% - ótima

31,25% - bom

6,25% - regular

**Quadro B21. O porquê das relações familiares (ótima, boa e regular)**

Por quê	NA	%
Vivemos pacificamente	01	5,88
Respeito ao espaço de cada um	01	5,88
Famílias grandes, pequenos desgastes	01	5,88
Todos me incentivam a participar	01	5,88
Não responderam	13	76,88
Total	17	100,0

**Quadro B22. Mudanças nas relações familiares depois de frequentar a Universidade da 3ª Idade**

Houve mudanças nas suas relações com o grupo familiar depois de frequentar a Universidade da 3ª Idade?	NA	%
Sim	09	52,92
Não	08	47,08
Total	17	100,0

Percebe-se que houve mudanças nas relações com a família, embora a diferença entre os que não perceberam esta mudança não seja muito significativa.

**Quadro B23. Mudanças ocorridas nas relações familiares**

Quais mudanças ocorreram	NA	%
Horário	01	5,88
Uma abertura maior no relacionamento	03	17,64
Enriquecimento familiar	01	5,88
Orgulho da mãe, da avó	03	17,64
Mais alegria e compreensão	01	5,88
Não responderam	08	47,08
Total	17	100,0

A mudança mais observada foi uma maior abertura no relacionamento, como também o orgulho da mãe, da avó.



#### Quadro B24. O porquê das mudanças ocorridas

O porquê das mudanças	NA	%
A família queria que se atualizasse	02	11,76
Para aproveitar melhor o tempo	01	5,88
Ocupada com as tarefas da escola	01	5,88
Não responderam	13	76,48
Total	17	100,0

Porque o próprio relacionamento familiar exige que haja uma atualização de conceitos do idoso.

Os alunos da Faculdade da 3ª Idade da UNIVAP, em sua maioria - 37,50%, já possuíam um relacionamento ótimo com seus familiares, baseado numa convivência diária.

Este relacionamento não foi muito alterado após a entrada do idoso na Faculdade da 3ª Idade, apesar de ocorrerem mudanças.

A mais significativa foi uma maior abertura no relacionamento do idoso com seus familiares. Esta abertura está relacionada com a importância da atualização de conceitos do idoso que interferem na relação familiar.

#### Quadro B25. Relações com a vizinhança

Você se relaciona com a vizinhança	NA	%
Sim	14	82,36
Não	01	5,88
Não responderam	02	11,76
Total	17	100,0

A maioria se relaciona com vizinhos - 82,36%

#### Quadro B26. Relações com a vizinhança antes frequentar a Univer. da 3ª Idade

Nível de relação com sua vizinhança antes de frequentar a Universidade da 3ª Idade	NA	%
Ruim	-	-
Regular	-	-
Bom	09	52,96
Ótimo	07	41,16
Não responderam	01	5,88

O nível de relação com o vizinho em sua maioria é bom - 52,96%.

### Quadro B27. Relações com a vizinhança

O porquê das relações com a vizinhança	NA	%
Vizinhos ótimos	01	5,88
Relações no bairro superficial	01	5,88
Relações boas com respeito	01	5,88
Somos todos amigos	01	5,88
Não responderam	13	76,48
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

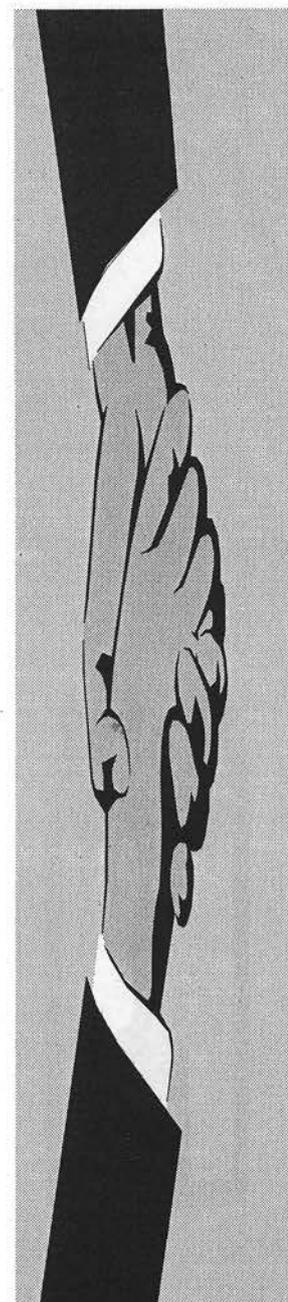
Não responderam a questão.

### Quadro B28. Tipo de relações com a vizinhança

Tipo de relações com a vizinhança	NA	%
Superficial	06	35,28
Troca de favores	09	52,92
Visitas	03	17,64
Bate papo	11	64,68
Nenhuma	-	-
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>170,52</b>

O tipo mais marcante na relação com os vizinhos é de “bate papo”, com 64,68%, seguido de “troca de favores” com 52,92%.

A maioria dos alunos pratica relações com os vizinhos - 82,36%. O tipo de relação mais forte é caracterizado pelo “bate papo” e pela “troca de favores”.



## RELAÇÕES COM ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

### Quadro B29. Organizações Sociais de que participavam antes de frequentar a Universidade da Terceira Idade

Entidades associativas de que participavam antes de frequentar a Universidade da 3ª Idade	NA	%
Associações recreativas, culturais e esportivas	05	29,40
Grupos de convivência	06	35,28
Grupo religioso	05	29,40
Grupo político partidário	-	-
Entidades filantrópicas	05	29,40
Associações e Sindicatos de Classe	-	-
Associações de Bairro	04	23,52
Nenhuma	-	-
Total	25	147,0

Antes de frequentarem a Faculdade da 3ª Idade, a maior participação foi em grupos de convivência, com 35,38%, seguida de associações recreativas, grupos religiosos e entidades filantrópicas, com 29,40% e em associações de bairros, com 23,52%.

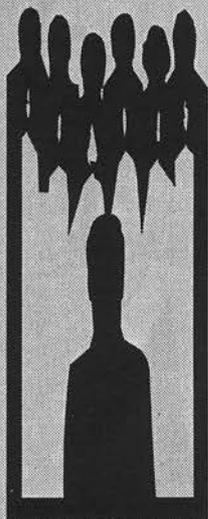
### Quadro B30. Organizações Populares de que participaram depois de frequentar a Universidade de 3ª Idade

Organização social de que participaram depois de frequentar a Universidade da 3ª Idade	NA	%
Sim	01	5,88
Não	16	88,24
Não responderam	01	5,88
Total	17	100,0

Não houve alterações na participação destes grupos após frequentarem a Universidade da 3ª Idade.

### Quadro B31. Motivos da participação em novos grupos sociais

Por quê passou a participar	NA	%
Com a Universidade afastou-se do Centro de Convivência	01	5,88
Já participava antes	01	5,88
Falta tempo	01	5,88
Atividade com netos	01	5,88
Faltou oportunidade	02	11,76
Não responderam	11	64,68
Total	17	100,0



Se não houve alteração significativa não há porquê.

**Quadro B32. Tipos de participação junto a esse grupo**

Tipos de participação	NA	%
Simples	02	11,76
Participação esporádica	02	11,76
Participação ativa	08	47,08
Não responderam	05	29,40
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

Nos grupos associativos a maioria dos idosos mantém uma participação ativa - 47,08%.

**Quadro B33. Porquê do tipo de participação**

Porquê	NA	%
Frequente esporte	01	5,88
Gosta de ser útil	03	17,64
Doença na família	01	5,88
Dificuldade de locomoção	01	5,88
Não responderam	11	64,68
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

Porque a participação ativa é que dá sentido para sua associação a determinada instituição.

Os alunos da Faculdade da 3ª Idade da UNIVAP, antes de frequentarem o curso, estavam ligados às seguintes associações:

- a) Grupo de convivência - 35,28%
- b) Associações recreativas
  - Grupos religiosos - 29,40%
  - Entidades filantrópicas
- c) Associação de bairro - 23,52%

A entrada na Faculdade da 3ª Idade não alterou a participação ou escolha de associações, definidas anteriormente. Em sua maioria, 47,08% participam de forma ativa, pois só assim é que se sentem motivados a estarem na associação, dando um sentido para sua participação na mesma.

**RELAÇÕES NA UNIVERSIDADE DA 3ª IDADE**

**Quadro B34. Nível de relações com colegas**

Nível de Relação na Univerdade da 3ª Idade com colegas	NA	%
Ruim	-	-
Regular	-	-
Bom	05	29,44
Ótimo	12	70,56
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

A maioria dos alunos, 70,56%, considera ótima sua relação com os colegas.

**Quadro B35. Nível de relações com professores**

Nível de relações com professores	NA	%
Ruim	-	-
Regular	-	-
Bom	05	29,44
Ótimo	12	70,56
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

A maioria dos alunos, 70,56%, considera ótima sua relação com os professores.



**Quadro B36. Participação nas atividades da Universidade da 3ª Idade**

Participação nas atividades da Universidade da 3ª Idade	NA	%
Ativa	12	70,60
Passiva	03	17,64
Não responderam	02	11,76
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

A maioria dos alunos, 70,56%, participa ativamente das atividades.

**Quadro B37. Atividades extracurriculares**

Atividades extracurriculares	NA	%
Passeio	14	82,32
Grupo de convivência	06	36,28
Grêmio	-	-
Seminário, encontro	07	41,16
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>159,76</b>

A maioria dos alunos, 82,32%, prefere o passeio como atividades extracurricular.

**Quadro B38. Porque da participação**

Por que não participa ou participou	NA	%
Não gosta	01	5,88
Doença do marido	01	5,88
Outros compromissos	01	5,88
Não responderam	14	82,36
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>100,0</b>

Não compreenderam a questão.



### Quadro B39. Significado da Universidade da 3ª Idade

O que significa ou significou para você a Universidade da 3ª Idade	NA	%
Encontrou amigos	01	5,88
Melhor relacionamento	02	11,76
Novas amizades	04	23,56
Reciclagem e atualização	02	11,76
Vivência, alegria	01	5,88
Igualdade com os outros	01	5,88
Energia positiva	01	5,88
Integração	01	5,88
Segurança	01	5,88
Novo sentido da vida	01	5,88
Ocupação fora de casa	01	5,88
Melhor aproveitamento do tempo	01	5,88
Total	17	100,0

Para a maioria (70,56%) dos alunos as relações com os colegas e professores são ótimas. Participam ativamente das atividades desenvolvidas pela Faculdade da 3ª Idade - 70,60%, e preferem o passeio com atividade extra curricular - 82,32%.

Para eles a Universidade tem vários significados. A oportunidade de fazer novas amizades (23,56%) e novos relacionamentos (11,76%) foram os mais citados.

No índice 5,88% aparecem: encontrar novos amigos, vivência e a alegria, energia positiva, integração, segurança, novo sentido da vida, ocupação fora de casa e melhor aproveitamento do tempo.

A Universidade de 3ª Idade significou para 23,56% a realização de novas amizades. Para 11,76% melhor relacionamento e para 5,88% oportunidade de encontrar novos amigos, vivência, alegria, energia positiva, integração, segurança, novo sentido pela vida, aproveitamento do tempo.

Constatações principais e sugestões referentes ao curso da UNIVAP.

Pode-se constatar que a maior população da Faculdade da 3ª Idade é formada por mulheres que não possuem uma especialização profissional,

sendo que a ocupação mais citada foi a "Do lar".

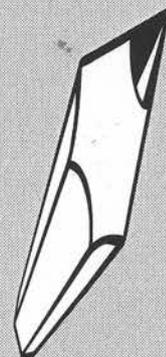
A diversidade na formação escolar também é um dado relevante, havendo a predominância do curso secundário incompleto.

Economicamente, percebe-se que a população interessada está centrada na classe média baixa onde a renda varia em torno de 3 a 9 salários mínimos, moram em casas e vivem independentes dos filhos (35,32% moram com esposo).

Nas relações sociais a Faculdade da 3ª Idade não proporcionam mudanças significativas.

Apesar de considerarem a atualização cultural como um dos motivos para sua vinculação ao curso, percebe-se através das respostas que a principal motivação da Faculdade da 3ª Idade é o desenvolvimento de novas relações de amizade que ocorrem num espaço e situação diferente das associações em que estão vinculados.

Conseqüentemente, a preocupação central da Faculdade da 3ª Idade não deve estar apenas em desenvolver conteúdos para atualização do idoso, mas através destes, proporcionar atividades sociais e práticas onde poderá vivenciar junto dos colegas o que se é discutido em classe.



# A Idade do Lobo



**P**reconceituosamente vincula-se a sensibilidade com as questões sociais a pessoas que optaram pelo ramo das ciências humanas. Encontramos, porém, com relativa frequência, profissionais da área de ciências exatas e afins preocupados também com os problemas que afetam os indivíduos em seu relacionamento grupal. Este é o caso de Elyseu Mardegan Júnior, engenheiro mecânico e administrador de empresas, autor de “A Idade do Lobo”, Editora Mercuryo Ltda. 1992 - São Paulo.

Obra de excelente qualidade, figura como o primeiro trabalho no gênero, no Brasil. Resultado de uma dissertação de Mestrado na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, este ensaio tem como enfoque central a crise da meia-idade no homem, com suas implicações na vida afetiva e emocional, no seu dia-a-dia profissional e na vida familiar.

Para o autor, a meia-idade não é necessariamente um momento de crise de objetivos ou de identidade, mas, ao contrário, pode ser uma fase de renovações e redefinições, capaz de levar o indivíduo a descobrir seus reais interesses, libertando-o de todas as amarras que o escravizaram nas fases anteriores de sua existência e, ao mesmo tempo, ensinando-lhe como aproveitar de um passado rico também de experiências positivas. Em outras palavras, a meia-idade pode ser uma das últimas oportunidades de crescimento e expansão, de encontro consigo mesmo, de redescoberta do verdadeiro sentido da vida.

A extensa bibliografia de apoio ao estudo, com nomes expressivos, sobretudo na área da psicologia e do comportamento social, atesta a seriedade e solidez das reflexões levadas a termo. Isto, todavia, não significa que a abordagem seja puramente teórica. Não. Elyseu Mardegan Júnior teve o cuidado de confirmar, na prática, o teor das afirmações acadêmicas, através de entrevistas pessoais, observações e vivências em sua rotina de executivo.

Um aspecto a destacar-se é a didática esmerada na apresentação do conteúdo da obra. A sequência lógica dos capítulos, a roupagem conceitual sóbria no desenvolvimento das idéias, a prioridade do essencial sobre o secundário, tudo isso contribui para uma leitura que prende a atenção do leitor do começo ao fim. Além disso, a propriedade de linguagem e o estilo direto facilitam o entendimento das colocações, sem maiores dificuldades.

O fato de enfatizar os aspectos da meia-idade não impede que o livro desperte o interesse também de pessoas que atuam junto aos idosos, pela agilidade do autor em seguir um fio condutor que interliga as diferentes fases da existência, desde a adolescência até à velhice. A vida é uma sucessão cronológica de etapas com suas peculiaridades, mas que se somam e se completam.

Ao final dessas 90 páginas, fica a impressão de se ter assistido a uma longa e interessante conferência, deixando como saldo o otimismo e a convicção de que, apesar dos preconceitos e tabus da sociedade, é possível vencer esta crise, se a enfrentarmos não como um vendaval, mas como uma passagem igual a tantas outras em nossa vida.

*Oswaldo Gonçalves da Silva*

### TRECHO

*" Uma nova abordagem sobre a meia-idade do homem pressupõe não só uma revisão de muitos valores e crenças enraizados na nossa cultura, como também uma reformulação do modelo de vida e do papel do homem na sociedade. Sem que se promovam mudanças de postura e de enfoque que permitam apreender o que significa realmente este período da vida do homem, muito dificilmente se conseguirá estabelecer uma nova abordagem que contribua para eliminar toda a mística que envolve essa fase de transição. Além do mais, serão ainda necessários alguns anos e muitas pesquisas sobre a idade adulta para*

*confirmar ou não muitas afirmações e observações que ajudam a compor a imagem negativa e destrutiva que acompanha a crise da meia-idade.*

*Um dos pontos que precisam ser reformulados é a maneira como encaramos o processo de envelhecimento.*

*Nossa sociedade precisa urgentemente compreender que tornar-se velho não significa ser senil, enfermo e assexuado. A aproximação da velhice não reduz drasticamente qualquer faculdade do indivíduo que o impeça de continuar ativo e útil ao grupo social a que pertence ".*

## **CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO**

### **PRESIDENTE**

Abram Szajman

### **EFETIVOS**

Aldo Minchillo  
Antônio Funari Filho  
Augusto da Silva Saraiva  
Ayda Tereza Sonnesen Losso  
Ivo Dall'Acqua Júnior  
João Pereira Góes  
José Antonio Maluf da Costa  
José Santino de Lira Filho  
Juljan Dieter Czapski  
Luciano Figliolia  
Manuel Henrique Farias Ramos  
Mauro Mendes Garcia  
Orlando Rodrigues  
Paulo Fernandes Lucânia  
Pedro Labate

### **SUPLENTES**

Airton Salvador Pellegrino  
Alcides Bogus  
Amadeu Castanheira  
Fernando Soranz  
Israel Guinsburg  
João Herrera Martins  
Jorge Lucio de Moraes  
Jorge Sarhan Salomão  
José Maria de Faria  
José Rocha Clemente  
Ramez Gabriel  
Roberto Mário Perosa Júnior  
Wallace Garroux Sampaio

## **REPRESENTANTES JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

### **EFETIVOS**

Abram Szajman  
Aurélio Mendes de Oliveira  
Raul Cocito

### **SUPLENTES**

Olivier Mauro Viteli Carvalho  
Sebastião Paulino da Costa  
Manoel José Vieira de Moraes

## **DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**

Danilo Santos de Miranda

